

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
JORNALISMO

BRUNA LIE KASAMA CAIXETA

NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA OBRA *HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO*: A VEROSSIMILHANÇA NO JORNAL FICCIONAL *O PROFETA DIÁRIO*

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS.
2018

BRUNA LIE KASAMA CAIXETA

NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA OBRA *HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO*: A VEROSSIMILHANÇA NO JORNAL FICCIONAL *O PROFETA DIÁRIO*

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Timponi Pereira Rodrigues

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS.
2018

BRUNA LIE KASAMA CAIXETA

NARRATIVAS JORNALÍSTICAS NA OBRA *HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO*: A VEROSSIMILHANÇA NO JORNAL FICCIONAL *O PROFETA DIÁRIO*

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Timponi Pereira Rodrigues

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raquel Timponi Pereira Rodrigues – UFU
Orientadora

Prof. Israel de Sá - UFU
Examinador

Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo - UFU
Examinador

Uberlândia, 14 de dezembro de 2018.

Dedico esta monografia a Deus, à minha mãe Sonia, ao meu pai Humberto, à minha avó Jitsuko, meu avô Tamotsu (*in memoriam*), aos meus amigos e familiares, pelo apoio em diversos momentos importantes da minha vida, auxiliando-me a construir cada capítulo da minha história.

AGRADECIMENTOS

Tenho orgulho de dizer que este trabalho representa o encerramento de mais um capítulo emocionante e vitorioso, repleto de reviravoltas em minha vida. Foi um longo e árduo caminho para conseguir chegar até aqui. Noites de sono foram perdidas, muitas lágrimas derramadas, diversos momentos de ansiedade e doses de incerteza, desespero e pânico estiveram presentes no percorrer desta jornada.

Todavia, finalmente, estou pronta para virar a página e começar uma nova narrativa cheia de surpresas e desafios. Contudo, antes de embarcar nessa nova aventura, gostaria de expressar a minha gratidão por aqueles que demonstraram alegria e paciência comigo. Sentimentos que serviram de base e contraponto para suportar todas as dores por mim vividas. Além disso, me auxiliaram de alguma outra maneira a concluir este ciclo, agora representado pelo presente trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que eu tivesse força, sabedoria, paciência durante o meu caminho e não desistisse de lutar. Sou grata aos meus pais, Sonia e Humberto, que me apoiaram de todas as maneiras possíveis, sempre pacientemente ouvindo minhas alegrias e angústias. A minha avó, Jitsuko que mais que uma segunda mãe, foi compreensiva e uma grande incentivadora dos meus sonhos. Ao meu avô, Tamotsu (*in memorian*), que em vida sempre me ajudou nos estudos, parabenizou meus feitos, me contou boas histórias e conseguiu ver sua neta começar uma nova etapa na vida, ao ingressar na Universidade. Agora ele assiste e me aplaude de algum outro lugar, ao ver a minha conquista em encerrar a graduação. Agradeço a Hannah e a Meg, minhas “filhas” de quatro patas, pelo amor incondicional doado a mim, que renovaram sempre minhas energias.

Sou grata aos demais familiares, em especial ao meus primos Christian, Thaís, Murilo, Rafaela, Thiago, Milena e Murilo Yuki que comigo sorriram e trocaram segredos e desabafos. Isto foi fundamental, obrigada.

Aos amigos, que são nossa segunda família, sou grata de diversas formas. Agradeço aos amigos de Ribeirão Preto e região, que, mesmo distantes, se fizeram presentes na minha trajetória, compreendendo todos os momentos difíceis e vibrando com cada passo dado, cada nova descoberta e cada vitória. Obrigada pela compreensão da minha ausência em diversos momentos. Valeu a pena, cheguei ao final de mais uma etapa. A minha família de amigos e colegas que formei ao longo de quatro anos na UFU

sou grata pela energia, pelo compartilhamento de novas experiências e pela possibilidade de compreender melhor as diferenças.

Em especial, gostaria de agradecer duas pessoas. Clarice Bernardes, pela amizade espontânea que na reta final da conclusão deste curso se tornou alicerce para minha vida. Obrigada por ser minha amiga e me ajudar a ser melhor, não desistir, trazer luz e calma em meio aos meus momentos de tristeza e solidão e respeitar acima de tudo a minha maneira de ser.

Ao Victor Fernandes, por ser mais que um companheiro, um amigo fiel e amoroso. Obrigada por me ajudar, por todos os abraços, lágrimas que secou e por torcer por mim, independentemente de qualquer situação.

Agradeço também a minha psicoterapeuta, Aline Rosa, a pessoa que possibilitou que eu me tornasse mais forte, e superasse meus momentos sombrios. Obrigada por não deixar minha história ter um ponto final precipitado.

Sou grata a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), seus funcionários que zelam para que ela se mantenha funcionando. Deixo agradecimentos especiais ao secretário do curso, Óscar Bruno, que com paciência e bom humor nos auxiliou e contribuiu para a conquista deste momento.

Ao coordenador do curso, Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo e ao corpo docente, profundos agradecimentos pelo conhecimento passado e visões de mundo compartilhadas. Mas, destaco neste momento, a minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Raquel Timponi Pereira Rodrigues, que abraçou tão calorosamente o meu projeto e o tornou motivo de orgulho e realização pessoal. Obrigada por todas as preciosas dicas, explicações pacientes, por fazer que eu desenvolvesse de melhor maneira o projeto e por torná-lo possível. Para além de seu profissionalismo impecável, sou grata pela pessoa maravilhosa que é. A grandeza de seu coração enxergou para além do trabalho acadêmico e conseguiu ver o ser humano que havia por trás dele. Obrigada por ser essa mulher carinhosa, alegre, compreensiva e profundamente capaz de tornar forte e importante tanto o orientando quanto a pesquisa.

Deixo um agradecimento a J.K Rowling, por criar o universo mágico presente em *Harry Potter*, que tanto me inspirou na vida e no presente trabalho. Por fim, agradeço a todos aqueles que também prestigiam minha pesquisa por afinidade com a temática por mim apresentada.

“Pois de amor andamos todos precisados! Em dose tal que nos alegre, nos humanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente...” (Carlos Drummond de Andrade)

CAIXETA, Bruna Lie Kasama. **Narrativas jornalísticas em *Harry Potter e o Cálice de Fogo***: a verossimilhança no jornal ficcional *O Profeta Diário*. 2018. p. 62. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

O trabalho analisa notícias do jornal *O Profeta Diário* da obra ficcional impressa *Harry Potter e o Cálice de Fogo* com abordagem na construção da notícia. O foco são as narrativas e a compreensão das estratégias textuais, comparadas à realidade da imprensa jornalística. Utiliza-se de bases teóricas de autores como Gérard Genette, Joseph Campbell, Nilson Lage e Eugênio Bucci, citados no decorrer da análise, e que embasam o desenvolvimento do mesmo. O método empregado na análise foi o da análise dialógica do discurso e o entrecruzamento das vozes, de Mikhail Bakhtin (1997). A partir das análises, conclui-se que as notícias do jornal da obra ficcional analisada não contemplam na íntegra os elementos jornalísticos relevantes, como estrutura, valores e ética. Partindo-se do princípio de que a credibilidade do jornalismo está diretamente ligada à conduta do jornalista, torna-se imprescindível o cuidado com a divulgação das notícias.

Palavras-chave: Imprensa. Harry Potter e o Cálice de Fogo. Ficção vs. Realidade. Narrativas. Jornalismo.

ABSTRACT

The work analyzes news from "The Daily Prophet" of the fictional work "Harry Potter and the Fire Goblet" with an approach to building the news. The focus is the narratives and the understanding of the strategies, comparing with the reality of the press. Theoretical bases are used as authors Gérard Genette, Joseph Campbell, Nilson Lage and Eugênio Bucci, cited during the analysis and that base the development of the same. The method used in the analysis was that of dialogical discourse analysis and the cross-linking of the voices of Mikhail Bakhtin (1997). It is concluded that the newspaper's of the fictional work analyzed doesn't fully contemplate the relevant journalistic elements, such as structure, values and ethics. Assuming that the credibility of journalism is directly linked to the conduct of the journalist, care is essential for the dissemination of news.

Keywords: Press. Harry Potter and the Goblet of Fire. Fiction vs. Reality. Narratives. Journalism.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 FICÇÃO VS. REALIDADE | 14 |
| 2.1 NARRATIVA | 14 |
| 2.2 O MITO DO HERÓI E O ARCO DRAMÁTICO | 18 |
| 3 ELEMENTOS DO JORNALISMO NA TRAMA FICCIONAL | 21 |
| 3.1 JORNALISMO IMPRESSO E A ESTRUTURA DA NOTÍCIA | 21 |
| 3.2 VALORES-NOTÍCIA | 23 |
| 3.3 AS FONTES | 24 |
| 3.4 O ESPETÁCULO SENSACIONALISTA E A ÉTICA NO JORNALISMO | 25 |
| 3.4.1 ESPETÁCULO SENSACIONALISTA | 26 |
| 3.4.2 ÉTICA NO JORNALISMO | 28 |
| 3.5 A IMPRENSA EM HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO: O JORNAL PROFETA DIÁRIO E A REVISTA SEMANÁRIO DAS BRUXAS | 29 |
| 4 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO | 30 |
| 5 ANÁLISE DO JORNAL O PROFETA DIÁRIO | 35 |
| 5.1 OBSERVAÇÃO DE RESULTADOS | 50 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| REFERÊNCIAS | 54 |
| ANEXOS | 57 |
| ANEXO A – MATÉRIA 1: “NOVOS ERROS NO MINISTÉRIO DA MAGIA” | 57 |
| ANEXO B - MATÉRIA 2: “O MAIOR ERRO DE DUMBLEDORE” | 58 |
| ANEXO C - MATÉRIA 3: “A MÁGOA SECRETA DE HARRY POTTER” | 59 |
| ANEXO D - MATÉRIA 4: “HARRY POTTER “PERTURBADO E PERIGOSO” | 61 |

1 INTRODUÇÃO

Narrativas de livros, peças de teatro, novelas, séries e filmes, pertencentes ao universo do fantástico e do imaginário, frequentemente utilizam referências culturais e elementos da realidade, com o intuito de trazer maior verossimilhança e de aproximar o leitor das tramas ficcionais. Dessa forma, o jornalismo e a mídia são apresentados nessas narrativas ficcionais e, não raro, o papel do profissional das notícias é a figura antagonista das histórias.

Em paralelo, é possível observar na contemporaneidade uma influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que têm promovido a potencialização da expressão de diferentes pontos de vista por vários canais e meios de comunicação, tal como a emergência e disseminação de informação por veículos alternativos e independentes e a maior participação do público na circulação da informação, possibilitadas pela convergência dos suportes (JENKINS, 2008).

Em todo texto escrito, seja ele real ou ficcional, existem diferentes maneiras de interpretá-lo, diferentes vozes de personagens na narrativa e elementos e fatos externos que auxiliam na melhor compreensão do leitor. O escrever, contar um fato e a interpretação estão presentes tanto no jornalismo e seu fazer jornalístico como na criação de obras ficcionais.

Partindo desse pressuposto, tendo em vista investigar em parte esse fenômeno envolvendo o jornalismo, a presente pesquisa tem como tema “O jornalismo através do jornal *O Profeta Diário* na obra ficcional impressa *Harry Potter e o Cálice de Fogo*: aproximações e distanciamentos entre a ficção e a realidade”. O objetivo é analisar as notícias do jornal *O Profeta Diário*, que se apresenta como o jornal tradicional na obra, e traçar elementos de diálogo com a realidade. A proposta do presente trabalho pretende abordar a construção da notícia, os métodos utilizados, a função e a influência dos fatores no universo da narrativa ficcional do livro *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

Narrativas como *Harry Potter* e outros *best sellers*, que atraem a atenção do leitor pelo imaginário em relação à magia, foram responsáveis por despertar hábitos de leitura em boa parte do público infante-juvenil nos últimos anos. A escolha pela temática inicialmente se deu por aproximação com o universo do objeto de análise, que foi adquirido desde a infância por meio da paixão pela leitura principalmente de obras do gênero analisado.

A escolha por propor a análise dessa obra deve-se ao fato de ela ser parte integrante de uma saga composta por sete livros, lançada pela escritora britânica Joanne Rowling, sob o pseudônimo de J. K. Rowling – o primeiro livro da saga foi lançado no ano de 1997 e o

último em 2007. A série de livros supera a marca de 500 milhões de exemplares vendidos ao redor do mundo e já foi traduzida para 79 idiomas (POTTERMORE, 2018). O sucesso permitiu que os livros fossem adaptados e se tornassem temas de filmes, pela produtora *Warner Bros. Company*, ainda no início do século XXI, além de gerar a criação de diversos produtos transmidiáticos do universo do entretenimento.

Além disso, embora o último livro da saga *Harry Potter e as Relíquias da Morte* tenha sido publicado no ano de 2007, ou seja, onze anos atrás, e o filme da mesma obra *Harry Potter e as Relíquias da Morte - parte 2* tenha sido lançado no ano de 2011, sete anos atrás, essas produções se mantêm relevantes atualmente, uma vez que o universo da saga continua se expandindo e mantendo vivo o interesse do público. Como exemplo, pode-se citar os filmes *Animais Fantásticos e Onde Habitam* e *Animais Fantásticos - Os Crimes de Grindelwald*, que pertencem ao mesmo universo, porém, se passam cronologicamente antes da história do menino *Potter*. Segundo matéria publicada no site Adoro Cinema¹, *Animais Fantásticos - Os Crimes de Grindelwald*, o Brasil acabou conquistando uma bilheteria maior para esse filme do que nos Estados Unidos, em apenas quatro dias de exibição do filme, com 1,2 milhão de espectadores, público maior que os outros filmes da saga *Harry Potter* já lançados anteriormente.

Para o campo do jornalismo e seu profissional, é significativo compreender as estratégias narrativas no mundo ficcional e como elas se relacionam e interagem com o real. Afinal, problematizar a figura do jornalismo na ficção é importante para pensarmos sobre a percepção do profissional no mundo real. A realidade projetada nas obras ficcionais, e a análise que o presente trabalho traz vai ao encontro dessa discussão presente hoje, trazendo elementos teóricos e discussões para refletir sobre essas questões.

Portanto, para a construção desta pesquisa, contando com a presente introdução, conclusão e as referências, a mesma constitui-se de seis capítulos. No capítulo “Narrativa vs. Realidade” é feita uma apresentação do conceito de narrativa e de elementos fundamentais na sua construção e para a credibilidade e conexão com o público. Nele, autores como Mikhail Bakhtin, Tzvetan Todorov e Joseph Campbell contribuem para sua elaboração.

No capítulo seguinte, intitulado “Elementos do Jornalismo na trama ficcional”, são apresentados ferramentas importantes da estrutura jornalística para compreender o veículo

1 Matéria publicada no site Adoro Cinema, intitulada Bilheterias Brasil: Animais Fantásticos - Os Crimes de Grindelwald supera a estreia de todos os filmes de Harry Potter. Disponível em: <www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-144815/>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ficcional de um jornal impresso. Dessa forma, alguns autores como Mário Erbolato, Nilson Lage e Eugênio Bucci fundamentam e contribuem na compreensão de elementos como: critérios de noticiabilidade, estrutura da notícia e a postura ética no jornalismo. No capítulo subsequente são trabalhados elementos da metodologia utilizada para o corpus de análise, tomando como base o conceito de dialogismo do autor Mikhail Bakhtin e a análise dialógica do discurso. Em seguida, no capítulo cinco é feita a análise.

As considerações finais associam os conceitos já apresentados e estruturados à análise do objeto, além de ressaltarem a importância dos elementos culturais da realidade e influências da verossimilhança do real para dar credibilidade ao universo ficcional.

2 FICÇÃO VS. REALIDADE

2.1 Narrativa

Abordar o conceito de narrativa é um aspecto fundamental ao analisar uma obra ficcional. Segundo define o autor Luís Nogueira na introdução do *Manuais de Cinema I - Laboratório de Guionismo*:

A faculdade e a competência narrativas são ancestrais e universais. Em todos os tempos e em todos os lugares o ser humano contou e conta histórias. A narrativa, fictícia ou factual, é uma das formas fundamentais de atribuição de sentido à existência e a cada um dos seus momentos. Daí o seu apelo imediato e o seu sucesso popular: todos somos capazes de partilhar uma narrativa, de a relatar ou mesmo de a inventar (NOGUEIRA, 2010, p.1).

Se ao pensar na Matemática, por exemplo, é possível lembrar que pode-se efetuar cálculos de maneiras diferentes e chegar a uma resposta comum; na Literatura também pode-se explicar e definir diversos caminhos e diferentes análises para a narrativa. Porém, a Literatura, por se tratar de um campo não exato e muito mais construtivo e reflexivo, não traz uma resposta única ou inflexível. Ela é capaz de ultrapassar o lugar da classificação, pela riqueza da interpretação gerada ao leitor. Nela são diversas as maneiras de se construir conhecimento.

Ao longo da história, diversos autores, se incumbiram de teorizar sobre narrativa. Várias vertentes dissertam a temática da formação da narrativa, como exemplo: o Estruturalismo, a Semiologia, a Linguística, a Semiótica, e outros aspectos que ultrapassaram a classificação, direcionados para a expressão e interpretação literária. Nem sempre, os debates sobre a temática foram pacíficos e conclusivos (NOGUEIRA, 2010).

Embora, todas essas diferentes formas de olhar não sejam descritas com profundidade no presente trabalho, por não serem o foco, faz-se necessário lembrar-se da existência da pluralidade de caminhos possíveis dentro desta vasta área de estudo sobre análises de narrativas. Os estudos sobre narrativa foram abordados inicialmente por autores do campo da filosofia, como Aristóteles e Platão.

Um exemplo do início dos estudos é o conceito de mímese, mimesis ou mimese, termo de origem da filosofia grega, utilizado por Platão e relido por Aristóteles, no contexto da poesia, da arte. Em tradução direta, pode ser compreendido como imitação.

Platão considerava que o espaço da arte era a cópia da representação material do mundo das ideias. Todavia, o cerne da distinção do que acredita Platão foi posteriormente desconstruído por Aristóteles na forma de entender o conceito. Se para Platão a mímese é depreciativa, já para Aristóteles, em uma análise sobre a epopeia e a tragédia, a mímese é vista como um elemento para constituir a verossimilhança. “A mimesis da poesia épica, em Platão, é depreciativa, pois o filósofo sempre busca o verdadeiro, e [...] a arte se encontra a três graus da verdade, é uma cópia de outra cópia” (VOIGT; ROLLA; SOERENSEN, 2015, p. 234).

Todavia, Aristóteles não enxergava a mímese de forma pejorativa. Ao contrário, segundo avalia Araújo, o pensador

[...] enalteceu o processo mimético e criou uma concepção estética para a arte, segundo a qual a imitação não se limita mais ao mundo exterior, mas se sustenta pelo critério de verossimilhança e fornece a representação como uma possibilidade, no plano fictício, sem qualquer compromisso de traduzir a realidade empírica. (ARAÚJO, 2011, p.71)

Segundo Aristóteles, a mímese pode se caracterizar de três formas: a representação de elementos como eram ou são, como os outros dizem que são e elas parecem ser ou como elas deveriam ser. O processo está vinculado a um “referente exterior, não exclusivo do poeta e integra o campo do possível a referências passadas (as coisas como são ou foram), pela opinião pública (como dizem que são ou parecem) e pela situação ideal (como deveriam ser)” (ARAÚJO, 2011, p. 76).

Apesar de a mímese não estar inserida no campo da verdade, o conceito está vinculado ao campo do possível e do verossímil. É este sentido que o presente trabalho pretende seguir: a valorização da importância de constituição da mímese como modo narrativo ou dramático, e a valorização da história pelo reconhecimento da forma original, a qual depende de um referente exterior e válida a verossimilhança e denotação do possível.

Retomando o assunto da narrativa, os campos da linguística e do cinema também se encarregaram de analisar a produção narrativa para as obras da literatura. Na antiga União Soviética por volta do século XX os estudos sobre a narrativa continuaram. Inclusive, foi neste momento que surgiram os formalistas, que foram grandes influenciadores dos estruturalistas posteriormente, por sua contribuição nos estudos acerca da narrativa. Um nome de destaque dos formalistas foi o Victor Shklovsky, que contribuiu com questões sobre a

narrativa, acontecimentos e trouxe o conceito de estranheza. Vladimir Propp também pertenceu ao grupo de formalistas russos, contudo, foi ele quem iniciou os estudos tendo em vista a ideia de estrutura narrativa, e dessa forma passou a ser pioneiro do estruturalismo. (NOGUEIRA, 2010).

Um dos autores cânones da área, Gérard Genette (1976, p. 255), define narrativa como “a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente por meio da linguagem escrita”. Roland Barthes amplia o conceito (1976, p. 19), ao dizer que “a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias”. Portanto, a narrativa é como uma linha invisível que une sentidos, significados e interpretações e o guia de alguma maneira dentro do objeto narrativo.

Na perspectiva da literatura, o formalista russo Tzvetan Todorov explica que:

a literatura goza, como se vê, de um estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela portanto não só como o primeiro campo que pode se estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem. (TODOROV, 1979, p.54).

Advindos de uma vertente que se fundamenta no aspecto formal, os estruturalistas acreditam que seja possível analisar e mapear a narrativa, como se existisse uma “receita de bolo” de características comuns e fundamentais. No livro *As Estruturas Narrativas*, Todorov explicita como funciona a análise estrutural (1979):

Não se satisfaz com uma pura descrição da obra, nem com interpretação em termos psicológicos ou sociológicos, ou mesmo filosóficos. Em outros termos, a análise estrutural da literatura coincide (em grandes linhas) com a teoria da literatura poética. Seu objeto é o discurso literário mais do que as obras literárias, a literatura virtual mais do que a literatura real. (TODOROV, 1979, p.80).

A abordagem estruturalista pode ser útil para a classificação e a organização da narrativa na análise do jornal *O Profeta Diário*, mas, apenas para melhor visualização. Para uma análise mais aprofundada do objeto, outras estratégias serão utilizadas.

Embora a organização e a melhor visualização sejam elementos importantes, é relevante salientar que as narrativas ficcionais fazem parte de um universo muito mais fluido

e interpretativo, no qual é preciso considerar as diversas perspectivas e vozes que se cruzam, misturam e complementam-se na construção do processo narrativo. Sendo assim, elas mais causam intersecções e cruzamentos do que separações. Mikhail Bakhtin, grande filósofo russo, trouxe para os estudos literários elementos importantes para a composição histórica das pesquisas sobre linguagem, o que será apropriado na presente pesquisa que trata de uma narrativa.

Um dos conceitos por ele abordado é o dialogismo. O autor acredita que o discurso vai além de um mero objeto linguístico. Ele estabelece uma relação de sentido entre os enunciados na comunicação verbal (BAKHTIN, 1997, p. 346). Para entender melhor como funciona a lógica de não se considerar apenas uma narrativa principal, ou seja, o jornal da trama ficcional que será analisado, sendo preciso também avaliar as narrativas paralelas dos personagens e comentários sobre o jornal *O Profeta Diário*. Ou seja, o entrecruzamento de vozes possibilita compreender de modo mais aprofundado como são estabelecidos os discursos e as intenções de fala, a partir do contexto da trama. Além disso, essa perspectiva mais ampla também permite analisar os enunciadores e qual a sua relação estabelecida com a realidade, com a cultura de um tempo, dessa forma, indo além do mero significado das palavras (se são pejorativas ou não, por exemplo).

O Profeta Diário, jornal ficcional da saga *Harry Potter*, estabelece uma relação entre o texto noticioso presente e a narrativa que conduz a estória da obra. Bakhtin salienta a importância da língua e a relação dialógica:

A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. [...] O objeto da lingüística é tão-somente o material e os recursos da comunicação verbal, e não a própria comunicação verbal — o enunciado em sua essência, a relação (dialógica) que se estabelece entre os enunciados, as formas da comunicação verbal e os gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 347)

A temática da narrativa traz fortemente o ponto de tensão entre a ficção e realidade, bem como o contexto sociocultural utilizado como referencial na trama. Sobre essa conexão podemos citar dois tipos de narrativa: a ficcional e a factual, que, para Nogueira (2010), funcionam:

[...] para referir que tanto o tom como o propósito de uma obra podem, por um lado, aproximá-la mais de uma estratégia factual, tendo como referente um facto histórico ou social e uma abordagem que tende para a objectividade, como, por outro lado, aproximá-la de uma estratégia ficcional, construindo os seus referentes no interior do próprio discurso e das suas inesgotáveis possibilidades inventivas. (NOGUEIRA, 2010, p.65)

Diversas estratégias são utilizadas para aproximar, prender e promover uma aceitação do público ao enredo narrado, como, por exemplo, a temporalidade e a dinâmica. Essas estratégias narrativas aplicadas aos enredos são importantes, mas não são os únicos elementos que conectam o público com a história narrada. Os personagens, como a figura do herói, e, em alguns casos, até mesmo o anti-herói, também estabelecem uma ligação de aproximação e empatia com o público.

2.2 O mito do Herói e o Arco Dramático

Após a breve revisão apresentada sobre narrativa, é preciso observar a alguns elementos que a compõem. O protagonista das narrativas, por exemplo, pode ou não ser o herói delas. A imagem mais comum é associar o herói ao protagonista. Porém, em algumas tramas o anti-herói pode ganhar destaque e ser, até mesmo, o personagem principal. O conceito de herói propriamente dito vem dos tempos antigos, quando os mitos gregos tentavam explicar o mundo, tal como Joseph Campbell discorre:

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. (CAMPBELL, 1997, p.13).

No universo do objeto de análise, portanto, pode-se apontar o personagem *Harry Potter* como o herói principal da narrativa na qual está inserido. Para Campbell, a busca pelo herói por meio da jornada funciona mais como uma estratégia narrativa para o sucesso.

Tendo uma noção do que vem a ser considerado herói, é importante lembrar que esta figura é construída dentro de uma narrativa por alguém real. Já para o autor Mikhail Bakhtin, a discussão é sobre a relação do autor e a construção do personagem na narrativa:

O autor não encontra uma visão do herói que se assinale de imediato por um princípio criador e escape ao aleatório, uma reação que se assinale de imediato por um princípio produtivo; e não é a partir de uma relação de valores, de imediato unificada, que o herói se organizará em um todo: o herói revelará muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor; este terá de abrir um caminho através do caos dessas reações para desembocar em sua autêntica postura de valores e para que o rosto da personagem e estabilize, por fim, em um todo necessário. (BAKHTIN, 1997, p.27).

Retornando ao outro contexto, no livro *O Herói de mil faces*, Campbell (1997) demonstra como o modelo das grandes narrativas de clássicos, como *Iliada e Odisseia*, seguem o mesmo padrão de história. O chamado arco dramático e o enredo de algumas narrativas, como serão explicados mais à frente, se reproduzem em diversas outras narrativas e histórias ficcionais da atualidade.

A figura emblemática do herói se constrói ao longo dos anos, desde os mitos gregos até nas narrativas atualmente presentes em livros, principalmente de ficção, novelas, seriados e reportagens através das habilidades e sentimentos do autor. Porém, por outro lado, mesmo que estruturalmente as narrativas tenham como centro o herói, a figura desse personagem é mais humanizada, de perfil psicológico mais complexo, influenciada pela cultura contemporânea e o público da atualidade.

Além da questão do herói, outro ponto relevante na narrativa é a figura do anti-herói. No caso da narrativa de *Harry Potter*, que será analisada, são vários os anti-heróis, presentes. Podemos citar entre eles Lord Voldemort e a Rita Skeeter – jornalista do *Profeta Diário*. No caso do objeto de análise, a figura do anti-herói tem maior foco de interesse, uma vez que a jornalista do jornal da trama ficcional representa a mídia tradicional, e o desvio de conduta e caráter na forma de apuração e exposição dos dados das notícias.

O anti-herói sente desdém por quaisquer valores e convenções aceitas pela sociedade como corretas. Embora se assemelhe com o herói, por ser emblemático e lutar por algo e para conseguir o que deseja, pode praticar o mal, ao invés de procurar um caminho que agrada a sociedade (NOGUEIRA, 2010, p. 117). Embora todas essas características possam causar um afastamento do público, outros elementos que compõem o anti-herói são capazes de criar uma empatia. Para Nogueira, o anti-herói também

[...] permite uma fácil empatia na medida em que, não se apresentando como um ideal imaculado de perfeição e justiça, exhibe algumas das fragilidades do cidadão comum, expondo o seu lado sombrio: a fraqueza, a culpa, o desvio, a falha, a arrogância ou o egoísmo são, entre outras, características que o definem, mas que não o condenam. (NOGUEIRA, 2010, p.117).

Após a compreensão de algumas figuras presentes nas narrativas, é importante buscar a compreensão de como esses elementos são guiados nela. O fio condutor de um bom livro ficcional, por exemplo, não existe apenas por meio do aprofundamento de elementos de verossimilhança dos personagens com a realidade, como sua personalidade e sentimentos, e sim, pela forma de como os personagens são conduzidos pelo ritmo dos acontecimentos na narrativa.

Porém, alguns elementos são estratégicos da construção narrativa que fundamentam a trama. Segundo Nogueira (2010), toda estória percorre um arco dramático que cria a dinâmica que mantém o público atento. Ou seja, de maneira inicial existe uma calma nos acontecimentos, chamada de estado de equilíbrio. Em seguida, inicia-se uma tomada de ritmo por meio de um impasse, chamada de perturbação - que é o criador de um impasse ou conflito que precisa ser resolvido. Logo após a procura da resolução desse conflito, a calma retorna ao estado inicial e o equilíbrio é restaurado. Esses elementos retornam diversas vezes na trama narrativa.

Outras estratégias são utilizadas em uma relação mais próxima ao herói na narrativa. Segundo Campbell (1997), a jornada do herói é cíclica e composta por fases e escolhas do personagem que regem a estória. Inicialmente o herói recebe um chamado e o recusa. Mas, posteriormente, encontra um mentor para guiá-lo e passa a aceitar o chamado. Dessa maneira, ele segue passando por testes e provações até conquistar a recompensa, a vitória e retornar ao início da jornada.

Portanto, tanto o arco dramático quanto a jornada do herói são estratégias fundamentais para a construção de uma narrativa. Unidos, esses elementos são capazes de criar um caminho intrigante e fluido no produto narrativo que desperta atenção do público.

3 ELEMENTOS DO JORNALISMO NA TRAMA FICCIONAL

Ao analisar uma obra ficcional é importante compreender como os elementos da realidade, no caso o fato jornalístico, estão representados na narrativa, uma vez que o objeto de análise da obra ficcional se trata de um jornal. É relevante compreender os elementos jornalísticos existentes, tais como: a estrutura da notícia, os valores-notícia e a ética nesse campo, de forma a traçar elementos comparativos entre o jornalismo real e o universo ficcional.

3.1 Jornalismo Impresso e a Estrutura da Notícia

Em seu livro *Estrutura da notícia*, Nilson Lage (2006) faz um breve histórico da composição da notícia. Segundo o autor, o primeiro jornal começou a circular na Alemanha, mais especificamente na cidade de Bramen, no ano de 1609.

Sobre a definição de notícia, Nilson Lage afirma:

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. (LAGE, 2006, p.17).

Porém, essa definição foi se alterando e, com o tempo, o modo de fazer jornalismo foi ganhando uma estrutura padrão. Embora hoje as notícias nos chamem atenção pelo seu efeito estético e visual com imagens e vídeos, a estrutura se adaptou aos novos formatos existentes, mas não mudou sua essência. No jornalismo impresso o que se ganha destaque é o título, por exemplo. Logo após os olhos serem atraídos por um título que agradou o leitor, se não houver a linha fina, que é uma continuidade de um título em subtítulo, o leitor já visualiza início da notícia. O primeiro parágrafo do texto é chamado de lide, do inglês *lead*. Sobre sua composição Lage (2012) afirma que o lide se caracteriza como a descrição do fato principal, em um determinado acontecimento aquilo que é mais relevante ou interessante. Dessa forma, sua estrutura e seu teor tentam apresentar resumidamente todas as informações principais que serão desenvolvidas ao longo da notícia. Lage (2005) explica a estrutura do lide clássico e como ela se transforma, dependendo do enfoque da notícia. Mais especificamente, o lide deve conter os seguintes itens: quem ou que, fez o que, quando, onde, como, e por que ou para que?

A ordem desses elementos mudará de acordo com que for mais relevante no texto. Por exemplo, se o mais importante é o sujeito que realizou a ação, o quem deverá ser a primeira pergunta a ser respondida. Mas, se o mais importante for onde ocorreu o fato, por exemplo, esta deverá ser a primeira informação presente no lide.

Além disso, é importante saber alguns outros elementos que guiam os jornalistas na produção de seus textos noticiosos. O *Manual de redação do Estadão Online* traz algumas instruções gerais para a escrita do texto noticioso. Não serão abordados todos, pois, não é o intuito da pesquisa. Mas, serão foco algumas dessas instruções para fornecer embasamento à análise. O *Manual de redação do Estadão Online* instrui que o texto deve ser claro, preciso, direto, objetivo, conciso e imparcial. “[...]Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto.”

Além disso, no que diz respeito ao quesito informação, opinião e às normas de redação, o manual é claro:

Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões [...] coloque sempre em primeiro lugar a designação do **cargo** ocupado pelas pessoas e não o seu nome [...] Nas versões conflitantes, divergentes ou não confirmadas, mencione quais as fontes responsáveis pelas informações ou pelo menos os setores dos quais elas partem (no caso dos informantes não poderem ter os nomes revelados). [...] Trate de **forma impessoal** o personagem da notícia, por mais popular que ele seja. [...] Sempre que possível, mencione no texto a **fonte da informação**. Ela poderá ser omitida se gozar de absoluta confiança do repórter e, por alguma razão, convier que não apareça no noticiário. Recomenda-se no entanto, que o leitor tenha alguma ideia de procedência da informação com indicações como: Fontes do Planalto... [...]”. (MANUAL ESTADÃO, 2018, online)

Por outro lado, além da importância de saber como se noticiar, é preciso também seguir os princípios do que se noticiar.

3.2 Valores-Notícia

Por se tratar de uma análise sobre o jornalismo presente em uma obra literária, é preciso compreender os elementos básicos em relação a esse campo que podem estar contidos na obra ficcional, que embasarão a análise que está sendo proposta nesta monografia. É preciso saber, por exemplo, como o jornalista seleciona quais assuntos deve tratar no veículo para o qual trabalha. Um dos critérios de seleção é a utilização dos valores-notícia.

Mário Erbolato (2008) cita vinte e quatro valores-notícia, sendo eles: Proximidade, Marco Geográfico, Impacto, Proeminência (ou celebridade), Aventura e conflito, Consequências, Humor, Raridade, Progresso, Sexo e Idade, Interesse Pessoal, Interesse Humano, Importância, Rivalidade, Utilidade, Política Editorial do Jornal, Oportunidade, Dinheiro, Expectativa ou suspense, Originalidade, Culto de heróis, Descobertas e invenções, Repercussão e Confidências. Sobre as notícias e seu critério de seleção, Erbolato afirma:

[...] elas têm importância quando algo ocorre pela primeira e última vez e despertam pouco interesse durante a rotina. Um serviço público, ao ser inaugurado ou extinto, constitui boa matéria jornalística, porém poucas vezes a imprensa se preocupará em falar sobre ele durante os anos em que funcionar, a menos que apresente irregularidades e provoque indignação dos usuários. (ERBOLATO, 2008, p.60).

Dentro deste contexto de critérios de seleção da notícia, é válido comentar sobre dois aspectos pertinentes: o interesse público e o interesse do público. Segundo Schlesinger (1978a, p. 126 apud Mauro Wolf, 2001, p.213), o jornalista dentro de sua prática jornalística está na melhor posição para distinguir o que seria mais interessante para o público (interesse público). Contudo, o público é sua audiência e, mesmo que em última instância, o jornalista e o veículo de comunicação precisam considerar o que o público tem interesse de saber (interesse do público).

Contudo, é relevante salientar que o profissional das notícias é um ser humano, que pode se equivocar e sentir que está em melhor posição para decidir qual seria o interesse do público, uma vez que seus interesses pessoais podem atrapalhar este discernimento. A busca pela sua autopromoção, status e fama pode levá-lo à prática um jornalismo sensacionalista, e, dessa maneira, tornar suas escolhas distantes de um jornalismo equilibrado entre o interesse público (e não pessoal) e o interesse do público, o que beira uma linha tênue com a ética, que será vista mais adiante.

Após compreender um pouco sobre como escrever e o que escrever, vamos falar sobre como obter as informações para embasar o material jornalístico. Nesse ponto, as diversas fontes existentes são indispensáveis.

3.3 As Fontes

Toda a escrita, jornalística ou não, deve ser construída a partir de alguns elementos composicionais. A narrativa ficcional, por exemplo, pode abusar do uso da criatividade e narrar elementos não reais, do universo sobrenatural, como vassouras voadoras, capas de invisibilidade, dragões e outras criaturas mágicas. Porém, ela também precisa se basear em alguma fonte de informação que não seja a do próprio autor. Se um autor nunca esteve na França do século XVIII, por exemplo, sua imaginação não basta para construir sua narrativa. Ele precisa pesquisar livros, museus e outras fontes que possam guiá-lo, para embasar a escrita de seu romance, trazer elementos reais para criar empatia com o público.

Na escrita jornalística, a utilização das fontes de informação é fundamental, uma vez que não se pode criar fantasias noticiosas. Na verdade, o jornalista é um narrador de fatos da realidade e expositor de diferentes pontos de vista que constituem esse fato. Sua principal função é informar para que os próprios leitores pensem e desenvolvam a formação de suas próprias opiniões.

Existem algumas fontes de informação que podem ser consultadas. Jorge Pedro Sousa, professor e pesquisador da Universidade Fernando Pessoa e do ICNova - Instituto de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, em seu livro *Elementos de jornalismo impresso (2001)*, traz algumas informações de quem são as possíveis fontes de informação. Segundo ele:

Existem, assim, vários tipos de fontes: humanas, documentais, electrónicas, etc. Também se podem classificar as fontes de acordo com a sua proveniência: internas ao órgão informativo (o Centro de Documentação, os colegas, etc.), externas (o primeiro-ministro, uma testemunha de um acidente, o público em geral, etc.) ou mistas (um jornalista da casa que presenciou um acontecimento a noticiar por outro jornalista, etc.). (SOUSA, 2001, p.62).

Além disso, Sousa (2001) realiza uma abordagem sobre a classificação das fontes. De modo geral, elas são consideradas fontes humanas, mas podem ser divididas em fontes: oficiais estatais, oficiais não estatais, oficiosas e informais. Além disso, Sousa aborda sobre o critério de seleção das fontes:

As fontes humanas devem ser escolhidas pela sua qualificação para falar sobre algum assunto, pela sua competência e credibilidade, pela oportunidade e pertinência do contacto e, obviamente, pela sua disponibilidade para falarem com o jornalista. (SOUSA, 2001, p.63).

Sousa também reforça a importância de como o profissional jornalista deve lidar com as informações fornecidas pelas fontes, ao frisar que as informações devem ser “enquadradas e tratadas sem adulteração, mas também devem ser, por princípio, verificadas” (2001. p. 64).

Todavia, na prática jornalística, observa-se que alguns veículos midiáticos ou profissionais não éticos realizam um mau uso dos critérios técnicos de seleção da informação, com distorções do fato, omissões e exageros que afetam a veracidade dos fatos e a credibilidade jornalística. O sensacionalismo em sua espetacularização precisa ser pensado e usado com cuidado, uma vez que podem ferir a ética jornalística.

3.4 O Espetáculo sensacionalista e a ética no jornalismo

Conquistar respeito, admiração e credibilidade por parte do público é fundamental para qualquer empresa, principalmente se ela é um meio de comunicação. Lage discorre em seu livro *Teoria e Técnica do Texto Jornalístico* sobre a credibilidade em um discurso jornalístico. Para Lage “a credibilidade do discurso jornalístico funda-se em um compromisso tácito com o veículo e o público segundo o qual os fatos noticiados são reais (2005, p.119)”.

Porém, a credibilidade pode ser perdida quando o veículo ou seus funcionários não prezam pela qualidade de seu trabalho e buscam, a todo custo, obter sucesso com mentiras e meias verdades.

3.4.1 Espetáculo sensacionalista

Diversos autores do campo do jornalismo se empenharam em debater sobre a questão da cultura do espetáculo na mídia e seus riscos para a informação do público. Em seu livro *A sociedade do Espetáculo*, Guy Debord (2003) afirma que o espetáculo baseia-se no fetiche da mercadoria, pelo qual as pessoas são dominadas. Todo esse espetáculo gera perda de qualidade na mercadoria.

No entanto, não é apenas o espetáculo relacionado ao fetiche da mercadoria que abala a credibilidade jornalística. O sensacionalismo, a busca pelo furo, o exagero para atrair mais público também geram problemas. Todavia, engana-se aquele que acredita que o sensacionalismo é algo exclusivo do jornalismo atual.

Nilson Lage (2006) conta que entre o fim do século XV e o começo do século XX a imprensa estadunidense, que antes tinha uma tradição na cobertura local, passou por mudanças. Lage comenta que a cobertura jornalística

[..]adquiriu novo aspecto, dando ênfase a histórias sentimentais e de crimes, que distraem e ao mesmo tempo projetam angústias de grandes massas. O tratamento emocional desses temas gerou o que se chama de imprensa sensacionalista – competitiva, voltada para a coleta de informações a qualquer preço e eventualmente, mentirosa. (LAGE, 2006, p.15).

A respeito do assunto, faz sentido a abordagem desses autores para releitura da obra de *Harry Potter*, uma vez que a jornalista do jornal ficcional *Profeta Diário*, Rita Skeeter, demonstra atitudes duvidosas em sua cobertura jornalística. Em um dado momento da narrativa ela se tranca com seu entrevistado, *Harry Potter*, em um armário de vassouras. Além da forma estranha do local que ela realiza a entrevista, a sua maneira de coletar dados também é bem duvidosa. A pena mágica que ela utiliza para anotar suas entrevistas é encantada para escrever no pergaminho tudo que o entrevistado disser. Embora inicialmente isto pareça inofensivo, durante a entrevista, nota-se que a pena distorce e inventa fatos para deixar a matéria mais sensacionalista. Para citar um exemplo, a jornalista pergunta se seu entrevistado tem alguma lembrança dos seus pais que faleceram quando ele era criança. A resposta dele é um simples e direto “Não”. Quando ele consegue ver o pergaminho, ele nota que a pena havia transcrito: As lágrimas marejaram aqueles olhos espantosamente verdes quando a nossa conversa se voltou para os pais de quem ele mal se lembra. Harry chega a contestar a jornalista, e afirmar que não estava chorando.

Embora ficcional este é um exemplo de como a postura do jornalista e sua cobertura são capazes de perder qualidade, se tornar falacioso, perder credibilidade e ignorar a ética. Além disso, outro destaque baseado neste exemplo é acerca da relação entre jornalista e entrevistado. Neste âmbito, o respeito para com a fonte vai além da realização da entrevista em um local confortável, no qual a fonte se sinta a vontade, por exemplo, mas, trata-se sobre a fidelidade das falas dos entrevistados. Ou seja, tudo que for gravado deve ter autorização prévia da fonte, estar ciente do contexto em que sua fala será colocada. Dessa forma, não pode haver distorção da fala do entrevistado e nem descontextualização da mesma.

Sobre as consequências para o jornalismo quanto à prática de atitudes não éticas, Luiz Costa Pereira Junior, em seu livro *Guia Para Edição Jornalística* afirma:

O fato é que as gravações clandestinas de conversas cara-a-cara, grampos telefônicos e filmadoras escondidas colocam a imprensa no centro de episódios movidos a fraude e ilegalidade. (PEREIRA JUNIOR, 2012, p.67).

Cabe ressaltar que, nesse sentido, a estrutura de como escrever um texto pode inicialmente parecer meramente estruturalista. Mas, quando ela se relaciona com sobre o que se escreve, a quem consultar para escrever, para quem escrever e o impacto que isso gera para a sociedade, tudo passa a fazer sentido e ser compreendido com um pouco mais de profundidade. Todos esses elementos são necessários para obter a ética e serão abordados logo adiante, dentro do campo jornalístico.

3.4.2 Ética no Jornalismo

É importante compreender o conceito de ética no geral e, neste estudo em particular, sobre a ética inserida no jornalismo. Rita Skeeter, personagem presente como elemento da trama ficcional no qual o objeto de estudo se insere, é uma jornalista e tem métodos questionáveis quanto à apuração, à obtenção e à divulgação da informação. Para melhor reflexão sobre a figura do jornalista, é importante entender sobre a postura ética. Sobre o assunto, Eugênio Bucci explica:

Mais que um rol de normas práticas, a ética jornalística é um sistema com uma lógica própria. Não é um receituário; é antes de tudo um modo de pensar que, aplicado ao jornalismo, dá forma aos impasses que requerem decisões individuais e sugere equações para resolvê-los. (BUCCI, 2008, p.15).

Embora não exista uma receita pronta para avaliar se uma pessoa, jornalista ou não, está sendo ética, é importante que o jornalista pense e reflita antes de agir. Como analisa Bucci, o “modo de pensar” é que se resolve diversas decisões que precisam ser tomadas. A ética jornalística também não interfere na liberdade de imprensa.

A liberdade de imprensa é um princípio inegociável, ela existe para beneficiar a sociedade democrática em sua dimensão civil e pública, não como prerrogativa de negócios sem limites na área da mídia e das telecomunicações, em dimensões nacionais e internacionais. (BUCCI, 2008, p.12).

Dessa forma, Luiz Costa Pereira Junior trata sobre a ética e sua relação entre a credibilidade o público:

A credibilidade da imprensa pode, no fundo, vir da confiança que o público tem de ser respeitado, quando virar notícia. Por isso, o jornalismo só fará sentido como ressonância da comunidade, e não tribuna para lados que se desmentem. O compromisso é mais amplo: com a sociedade, o cidadão, seus direitos, seu esclarecimento. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p.46,47).

Compreendendo o caminho de construção da notícia e tudo mais que o cerca e o sustenta, como a ética, pode-se agora apresentar a imprensa dentro da obra que abriga o corpus de análise da presente pesquisa.

3.5 A imprensa em Harry Potter e o Cálice De Fogo: O jornal Profeta Diário e a revista Semanário das Bruxas

Após ressaltar elementos do jornalismo real, é o momento de tratar sobre os veículos jornalísticos presentes na obra ficcional, na qual o corpus de análise se insere. Em *Harry Potter e o Cálice De Fogo* o destaque da imprensa na trama ocorre principalmente pelo jornal impresso, intitulado *O Profeta Diário*, e, em segundo lugar, pela revista impressa *Semanário das Bruxas*. Das quatro matérias mostradas na íntegra, durante a obra, três foram publicadas no jornal e uma na revista. Vale ressaltar que todas elas foram escritas pela mesma jornalista, Rita Skeeter. Dessa forma, todas as matérias se tornam relevantes para a análise.

Em ambos os veículos, a jornalista não muda sua maneira de divulgar informações, o que leva o leitor a crer que ou pertencem a mesma empresa ou que ela, de alguma forma, trabalha para veículos com donos diferentes que concordam com seu trabalho ou fazem “vista grossa” para isto.

O Profeta Diário, tem maior destaque na trama. Durante o enredo, nota-se que as pessoas estão sempre se informando por ele. Quando a escrita sensacionalista de Rita Skeeter alcança a revista *Semanário das Bruxas*, é fácil encontrar no livro pessoas com um exemplar do mesmo. Dessa forma, a revista e, principalmente, o jornal acabam representando a grande mídia. Por esse fato, também demonstram seu potencial de influência no público por ter poder de persuasão nos personagens da trama.

A imprensa que tem o dever de informar, aparentemente na trama, acaba atraindo mais olhares do público na narrativa quando tem “ares de fofoca” e sensacionalismo. Assim, embora ficcional, nota-se muita semelhança com o que ocorre na imprensa real, o que se assemelha à “sociedade do espetáculo”.

Esses elementos vistos na obra serão melhor abordados na análise. Portanto, após a compreensão do jornalismo e seus elementos no mundo real e ficcional, pode-se prosseguir para como a metodologia da presente pesquisa irá se definir.

4 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

O principal objetivo desta pesquisa é descrever e analisar a presença do jornalismo na obra ficcional escrita por J. K. Rowling – *Harry Potter* e traçar semelhanças e diferenças entre o jornalismo presente na obra ficcional com o da realidade. Caracterizando-se a pesquisa como qualitativa e interpretativa, o recorte que se pretende fazer enquanto *corpus* de análise compreende quatro notícias que aparecem integralmente no quarto livro da saga *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

Optou-se por utilizar esse recorte a partir de leitura prévia dos livros que compõe a obra, que mostrou forte presença de elementos jornalísticos durante a trama e atuação dos profissionais do campo da comunicação diretamente envolvidos na narrativa, que aparecem nos outros títulos da série literária, porém, sem muita intensidade quanto ao referido acima. A quantidade das matérias analisadas se restringe ao número total de aparições de textos jornalísticos na obra (o que se contabilizou em um primeiro mapeamento em quatro notícias do Jornal *O Profeta Diário*).

Como parte integrante desse corpus de análise, será inevitável retomar outros elementos da narrativa do livro quatro que tenham relação com as notícias veiculadas no jornal da trama, de modo a lançar luz de maneira mais contextual sobre a produção jornalística presente no livro.

A pesquisa é ainda eminentemente bibliográfica, utilizando-se de fontes secundárias de pesquisa como livros, monografias, teses, entre outros. Com o método monográfico, a intenção é utilizar a Análise Dialógica do Discurso – ADD (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016), para descrever e analisar as interações enunciativas vinculadas aos gêneros jornalísticos que aparecem na obra, em especial na função que elas desempenham dentro do arco narrativo da trama.

A análise que será realizada a seguir também possibilitará a descrição das características do dialogismo presente nesses enunciados e a identificação das vozes nos discursos. De forma complementar, também será possível avaliar as características de estrutura da notícia e da ética no jornalismo.

Aqui, optou-se por dispensar o uso de matrizes de análise, técnica estabelecida dentro da análise dialógica. Vale relativizar que se por um lado essa medida torna um pouco mais complexo o ato de validar esta pesquisa por meio de outros estudos que se utilizem do mesmo

método proposto, por outro, liberta a análise de possíveis amarras que podem ser colocadas ao se utilizar determinado instrumento.

Após a determinação do corpus, foi feita novamente a leitura, identificação da estrutura textual das notícias e apontamento dos principais elementos em que se notam os pontos de contato da narrativa, do jornalismo e outros conceitos.

Até por isso, será necessário retomar, durante a análise, temas anteriormente abordados, como o arco narrativo e suas características em uma obra de ficção. Em complemento a esse movimento, cabe fazer uma breve discussão sobre a ADD e os elementos que se pretende abordar nas próximas páginas, de modo a delimitar de forma precisa o entendimento em relação aos termos que serão utilizados na análise e trabalhados no contexto da referida teoria.

Partindo do princípio que a proposta é produzir uma análise do discurso, cabe situar o que se está chamando por discurso e como essa concepção se consolida a partir dos estudos produzidos pelo círculo de Mikhail Bakhtin – filósofo russo que, dentre outras contribuições, cunhou termos e entendimentos utilizados ainda hoje por boa parte do campo da linguística e afins, onde também se encontra a área da Comunicação.

Em poucas palavras, discurso é a língua viva, aquilo que existe entre dois sujeitos, inseridos em um determinado contexto ideológico. É o que explicam Filho e Torga (2011), a respeito da obra “Problemas da poética de Dostoievski”, em que Bakhtin discorre explicitamente sobre a distinção entre língua e discurso. “Temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 181 apud FILHO; TORGA, 2011, p. 2).

Podemos depreender disso, portanto, que é impossível entender o discurso desvinculando-o de seus falantes e de seus atos, de suas interações sociais e dos preceitos ideológicos que norteiam, baseiam e validam esse processo. Em se tratando da língua, única e exclusivamente como objeto da linguística, inexistem relações dialógicas ou qualquer proximidade com tal entendimento.

Considerando, portanto, que o discurso é a língua enquanto meio de interação entre, ao menos dois sujeitos, nota-se que esse processo demanda certo grau do que o círculo de Bakhtin chama de dialogismo. O conceito pode ser entendido como a condição do sentido do discurso, porque este mantém relações com outros discursos que o precederam. (MARCUIZZO, 2008, p. 3).

Morson e Emerson (2008) citados por Marcuzzo (2008) explicam ainda que o termo é utilizado de três formas diferentes na obra de Bakhtin

[...] como uma descrição da linguagem que torna todos os enunciados, por definição, dialógicos; como termo para um tipo específico de enunciado, oposto a outros enunciados, monológicos; e como uma visão do mundo e da verdade. (MORSON; EMERSON, 2008, p. 506 apud MARCUZZO, 2008, p. 4)

O primeiro significado é o que procuramos aqui: uma descrição de uma característica da linguagem que afeta todos os enunciados. "Assim, o caráter dialógico é o fato unificador de todas as atividades languageiras." (FARACO, 1996, p. 122 apud MARCUZZO, 2008, p. 4).

Todo enunciado tem um autor, um endereçamento e está carregado de dialogismo. Afinal, "Bakhtin diz que as frases não entram em relações dialógicas, mas os enunciados sim. Porque todo enunciado é uma resposta, ou melhor, réplica, a outros enunciados, sejam enunciados já ditos ou não ditos, mas possíveis como resposta/réplica" (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1088).

Um entendimento complementar sobre o tema vem de Maingueneau, que argumenta "É a consciência coletiva 'que permite articular a singularidade do criador com a totalidade social de que ele participa.'" (MAINGUENEAU, 2006, p.22 apud PONSONI, 2015, p. 44).

Posto isto, é possível argumentar que o dialogismo se consolida na alteridade, característica pétrea e indivisível do discurso, seus gêneros e os enunciados. Durante a análise que será feita a seguir, esse conceito será importante para demonstrar como um fato acaba gerando vários desdobramentos no arco narrativo do livro, ou mesmo como vários elementos anteriores à narrativa produzem um fato, um enunciado e sentidos na trama. Retomando Sobral e Giacomelli:

Para a ADD, a relação entre os interlocutores não se esgota na interação aqui e agora. Em vez disso, ela vai até o passado e o futuro, a toda uma experiência de cada interlocutor um com o outro e com várias outras pessoas, remetendo às maneiras típicas de as pessoas se dirigirem umas às outras em cada situação, cada sociedade, cada época. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1091)

Assim, compreende-se que será necessário abordar o livro em sua integralidade, ainda que a análise se debruce especificamente na aparição dos gêneros jornalísticos da obra e os pontos de contato entre a trama e as notícias do jornal *O Profeta Diário*. A intenção é ver o conceito de dialogismo se construindo na teia narrativa criada em *Harry Potter*.

Para isso, como visto em capítulos anteriores, utilizaremos de forma complementar a obra de Lage (2006) e Erbolato (2008) como guia para as análises necessárias no campo jornalístico. Campbell (1997) e Nogueira (2010) serão explorados como o eixo central das reflexões sobre narrativa. Dessa forma, pode não ser possível esgotar todos os possíveis temas, focos e assuntos na análise, mas o resultado final será uma visão ampla sobre o jornalismo em *Harry Potter*, investigada por diferentes aspectos.

Ainda no campo da metodologia, cabe a explanação sobre um último termo, também parte da teoria bakhtiniana: a voz. O conceito não deve ser entendido em sua literalidade porque não diz respeito apenas a emissão de sons pelo aparelho vocal. Antes, conforme Sipriano e Gonçalves (2017), o termo está relacionado à semântica social encontrada na palavra. Ou seja, “voz se identifica com opinião, ponto de vista, postura ideológica” (BUBNOVA, 2011, p. 276 apud SIPRIANO; GONÇALVES, 2017, p. 64).

A fala é a maneira mais próxima do primitivo que o ser humano pode utilizar para se comunicar. Primeiro Tatiana Bubnova (2011) citada por Sipriano e Gonçalves (2017) acredita que o termo enunciado, a unidade mínima de sentido que pode ser respondida em um diálogo, seria uma metáfora para se referir à oralidade codificada na escrita. Não por acaso, a autora também destaca que “Bakhtin utiliza amplamente, ao longo de sua produção teórica, um vocabulário ligado à oralidade e à escuta (vozes, tom, polifonia, acento, etc.)” (SIPRIANO; GONÇALVES, 2017, p. 64).

O conceito, portanto, será útil durante a análise para situar e descrever valores ideológicos que possam ser identificados em alguns conjuntos de indivíduos estratificados da obra de *Harry Potter*. Isso poderá abrir portas para, junto ao entendimento do dialogismo, compreender quem fala, por que o faz, a quem fala e como esse processo enunciativo se desenvolve na trama.

A interface proposta nesta pesquisa apodera-se de elementos de diferentes campos do conhecimento, em uma tentativa de possibilitar a análise tão completa quanto possível do corpus imediato proposto (quatro notícias em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*), de forma a verificar, descrever e analisar o jornalismo (suas estruturas e vozes de jornalistas) e seu papel, ou seja, a função dessa aproximação do jornalismo presente na trama ficcional analisada com a realidade. Embora existam outros veículos de comunicação retratados em outros livros da saga *Harry Potter*, como a exemplo a rádio que representa a voz contra-hegemônica dos discursos da mídia tradicional, ressaltada quando o vilão bruxo Lord Voldemort assume o poder – optou-se pelo recorte do jornal *O Profeta Diário* por representar a mídia tradicional e por sua maior visibilidade ao longo dos livros da série.

Expostos o recorte teórico e metodológico, retomados os entendimentos já explicitados em capítulos anteriores e pontuados os principais elementos que serão utilizados para a Análise Dialógica do Discurso que aqui se propõe, passaremos então à análise do corpus.

5 ANÁLISE DO JORNAL O PROFETA DIÁRIO

O escopo para análise é composto pelas quatro matérias presentes na íntegra dentro do jornal e da revista ficcional, respectivamente, *O Profeta Diário* e *Semanário das Bruxas*, disponíveis como parte do conteúdo do quarto livro da saga *Harry Potter*, intitulado *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Para melhor compreensão do objeto, serão analisados alguns quesitos importantes, segundo os autores que foram abordados em capítulos anteriores.

Inicialmente, elementos da estrutura da notícia serão observados, com base no teórico Nilson Lage (2005), a fim de observar aproximações e afastamentos entre o texto de um jornal real e o ficcional analisado. Na sequência, para melhor compreensão da questão ética, serão selecionados elementos discursivos que contenham juízo de valor, uma vez que o jornalista deve ser imparcial, segundo o que o próprio *Manual de redação do Estadão Online*² instrui. Porém sabe-se que não existe a imparcialidade em sua totalidade e que a ética não deve ser idealizada, pelo fato de toda escolha de uma palavra em si já vir carregada de discursos históricos, e pressupõe elementos ideológicos e posicionamentos. Dessa forma, na presente análise, observar o que é exarcebado nessa lógica, e como a visão negativa da mídia e de uma prática do mau jornalismo são levados para a trama ficcional.

Por fim, por meio dos conceitos trazidos por Bakhtin (1997), como o dialogismo e a intertextualidade (releitura do conceito de Julia Kristeva), serão observados os comentários, as reações e as atitudes dos personagens acerca do texto noticioso. Além disso, também é objeto de análise o contexto sociocultural vivido pela autora no momento em que a obra foi escrita, a fim de compreender melhor as influências da cultura na ficção. Os conceitos de mimese e verossimilhança advindos de Aristóteles estarão presentes nas entrelinhas da análise como base na construção da mesma e serão melhor explicitados através dos exemplos de contexto sociocultural.

Porém, para melhor compreensão do contexto e do material, é importante ressaltar que anteriormente, entre as páginas 99 e 100 do livro, aparecem trechos de uma matéria com críticas aos acontecimentos e à postura de funcionários, após uma confusão que ocorreu em

² Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais>. Acesso em: 27 dez. 2018.

um torneio de Quadribol relatado na trama. O contexto cita trechos que são postos de maneira misturada à fala dos personagens. O personagem Arthur Weasley faz uma seleção das palavras principais da matéria do jornal, o que demonstra indícios de que é um jornal não tão ético, por explicitar juízo de valor.

A primeira matéria analisada, intitulada “Novos Erros No Ministério Da Magia” foi publicada no jornal *O Profeta Diário* e é a primeira que aparece na íntegra no livro e encontra-se na página 135, disponível em tamanho ampliado no anexo A. Ela aborda os supostos “novos erros” do Ministério da Magia, uma vez que anteriormente Rita Skeeter já publicara fazendo críticas a esse Ministério durante o torneio de Quadribol.

– Palmas para a Profª Vector – retrucou Rony, mal-humorado.
Os três chegaram ao saguão de entrada, que estava lotado de gente fazendo fila para o jantar. Tinham acabado de entrar no fim da fila, quando uma voz alta soou às costas deles.
– Weasley! Ei, Weasley!
Harry, Rony e Hermione se viraram. Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados ali, cada qual parecendo mais satisfeito.
– Que é? – perguntou Rony rispidamente.
– Seu pai está no jornal, Weasley! – disse Malfoy brandindo um exemplar do *Profeta Diário*, e isso bem alto para que todas as pessoas aglomeradas no saguão pudessem ouvir. – Escuta só isso!

NOVOS ERROS NO MINISTÉRIO DA MAGIA

Pelo visto, os problemas no Ministério da Magia ainda não chegaram ao fim, informa nossa correspondente especial Rita Skeeter. Recentemente censurado por sua incapacidade de controlar multidões durante a Copa Mundial de Quadribol, e ainda devendo à opinião pública uma explicação para o desaparecimento de uma de suas bruxas, ontem o Ministério enfrentou novo constrangimento com as extravagâncias de Arnold Weasley, da Seção de Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas.

Malfoy ergueu os olhos.

– Imagina, nem escreveram direito o nome dele, Weasley, é quase como se ele não existisse, não é?

Todos no saguão agora prestavam atenção. Malfoy esticou o jornal com um gesto largo e continuou a ler:

Arnold Weasley, acusado de possuir um carro voador há dois anos, envolveu-se ontem numa briga com guardiões trouxas da lei (policiais) por causa de latas de lixo extremamente agressivas. O Sr. Weasley parece ter ido socorrer “Olho-Tonto” Moody, um ex-auror idoso, que se aposentou do Ministério ao se tornar incapaz de distinguir um aperto de mão de uma tentativa de homicídio. Ao chegar à casa do ex-auror, fortemente guardada, o funcionário verificou, sem surpresa, que, mais uma vez, o Sr. Moody dera um alarme falso. Em consequência, o Sr. Weasley foi obrigado a alterar muitas memórias para poder escapar dos policiais, mas se recusou a responder às perguntas do *Profeta Diário* sobre as razões que o levaram a envolver o Ministério nesse episódio pouco digno e potencialmente embaraçoso.

– E tem uma foto, Weasley! – acrescentou Malfoy, virando o jornal e mostrando-a. – Uma foto de seus pais à porta de casa, se é que se pode chamar isso de casa! Sua mãe bem que podia perder uns quilinhos, não acha?

Rony tremia de fúria. Todos o encaravam.

Figura 1. Matéria 1 extraída do capítulo XX de Harry Potter. A notícia se mistura com o formato da narrativa ficcional. Não há uma diagramação para o jornal em termos imagéticos.

No quesito estrutura, nota-se que, logo no título, já está presente juízo de valor, ou seja, um posicionamento, pelo uso da expressão “novos erros”, o que demonstra uma insatisfação da jornalista ou do jornal, anterior ao fato noticiado.

A matéria é composta apenas do lide e não possui linha fina, com o sublide do fato. O lide está incompleto, quando comparado ao formato tradicional, uma vez que não responde todas as perguntas básicas: “o que”, “quem”, “quando”, “onde” e “por que?”. Além disso, nota-se uma confusão sobre qual sujeito seria o “quem”, pois, dois sujeitos são citados: o Ministério da Magia e “Arnold” Weasley (nome já escrito na notícia com grafia errada). Com o lide incompleto, não é possível classificá-lo conforme o proposto por Nilson Lage (2012).

Além disso, a falta de ética continua a ser observada, por meio de dizeres como: “pelo visto”, “extravagâncias”, “incapaz de distinguir um aperto de mão de uma tentativa de homicídio” e “episódio pouco digno e embaraçoso”. Esses dizeres estão carregados de juízo de valor e reforçam a falta de postura ética da jornalista, uma vez que o texto noticioso não é um artigo de opinião.

Embora o título cite o Ministério da Magia e o lide também, ao realizar a leitura do restante da matéria, é possível notar que o fato noticiado tem como enfoque Arthur Weasley – erroneamente chamado de Arnold na matéria. Somente no restante da matéria é possível encontrar respostas que deveriam contar no lide (o que, quem, quando e onde), que demonstra que a autora segue na primeira matéria a ideia de uma notícia e não a estrutura e a técnica de organização das prioridades de informações que aparecem no texto.

No que diz respeito às fontes, elas são inexistentes na matéria, e uma delas, citadas pela jornalista Rita Skeeter, segundo ela, não quis dar declarações. Ainda sobre a linguagem do texto jornalístico, o *Manual de redação do Estadão Online* instrui que o texto deve ser claro, preciso, direto, objetivo, conciso e imparcial. Embora seja possível encontrar clareza e concisão, por exemplo, objetividade e imparcialidade não se fazem presentes no texto, o que mostra um distanciamento do jornalismo real na estrutura e no modo de fazer ideal.

A inconsistência na precisão do fato demonstra uma falta de cuidado na apuração das informações. Unindo-a aos erros anteriores, faz-se questionar seriamente a credibilidade do jornal e de sua correspondente, Rita Skeeter. Além disso, a fala de um dos personagens, após ler um trecho da notícia, evidencia o erro. Mais especificamente, Draco Malfoy, na cena em que lê a matéria em voz alta para os colegas, ao notar o erro do nome do pai de Rony Weasley citado no texto, provoca o colega, dizendo: “Imagina, nem escreveram direito o nome dele, Weasley, é quase como se ele não existisse, não é?”.

Sobre as vozes e os entrecruzamentos das falas, observa-se a presença do jornal (O Profeta Diário), que aparece como o veículo de comunicação tradicional e, aparentemente, sensacionalista; a voz da jornalista Rita Skeeter - apresentada como uma profissional anti-ética e que prioriza informações sobre a vida pessoal dos noticiados -; e a voz dos personagens, que ilustram bem o conceito de “dialogismo” proposto por Bakhtin (1997), uma vez que comentam sobre seus desdobramentos e reagem à matéria. Além disso, através da voz dos personagens, também nota-se a voz do autor, que conduz toda a narrativa. Além disso, as leituras oralizadas ou silenciosas feitas pelos personagens das matérias publicadas, incluindo sua forma de interpretação e comentários feitos sobre as notícias, são exemplos de outras diversas manifestações das vozes na narrativa.

Existem também outras vozes e visões para além do texto, que, através das falas do narrador, são mostradas. Elas têm a função de fazer o leitor conseguir compreender os pensamentos e reações dos personagens e o contexto no qual ele está inserido, o que é somado às falas diretas dos próprios personagens, que também se comunicam na narrativa. São exemplos de reações dos personagens, através de dizeres do narrador: “Rony tremia de fúria”. Ou ainda falas diretas dos personagens em reação à notícia e aos próprios colegas: “Não falem comigo”, fala do Rony.

Já com relação ao conceito de intertextualidade de Julia Kristeva, pode-se reparar a influência do texto noticioso (jornal), a linguagem textual, manchete e o complemento da fotografia, como elementos reproduzidos na narrativa da trama do livro de J.K. Rowling (a referência de um texto dentro de um outro texto). Entretanto, é válido novamente considerar que a presença da fotografia no jornal apenas é citada no texto do livro, uma vez não há uma representação gráfica da mesma no livro.

A relação do autor com a construção do herói na narrativa descrita por Bakhtin (1997) leva em consideração as experiências próprias do autor e seu contexto sociocultural. No aporte teórico da presente pesquisa, já foram citados alguns exemplos de como as experiências da autora J.K. Rowling e seu contexto sociocultural influenciaram na escrita de sua obra. Neste momento, irá se observar os mesmos itens, porém, com enfoque na construção da personagem Rita Skeeter, a jornalista que ganha relevância, uma vez que, ela é a imagem do jornalismo apresentado e analisado na quarta obra da saga. Compreender a realidade da autora e imprensa britânica explicita a construção do jornal e da personagem profissional do campo como uma maneira de crítica ao mau jornalismo realizado.

No ano de 2011, J.K. Rowling prestou depoimento no processo contra o jornal britânico *The News of The World*, que, inclusive, foi fechado. O caso tinha como foco a ética

jornalística após o escândalo envolvendo o jornal, que, durante anos, grampeou os celulares de famosos e vítimas de terrorismo. (REUTERS, 2011). Embora J.K. Rowling tenha sido chamada a depor por antigas queixas pelo assédio de fotógrafos paparazzi contra seus filhos, pode-se perceber que sua satisfação com a imprensa britânica e seus profissionais não é positiva. Além disso, é pouco possível dizer que J.K. tenha sido um caso isolado, e que a construção da imprensa e da personagem jornalista Rita Skeeter em sua obra tenham sido mágoa de um momento infeliz.

Na mesma etapa da audiência na qual Rowling participou e que ocorreu no prédio da Real Corte de Justiça em Londres, também prestaram depoimento sobre grampos ilegais, Sienna Miller, a atriz e Max Mosley, o ex-presidente da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), responsável pela Fórmula 1. (REUTERS, 2011). Este contexto conturbado de uma imprensa com profissionais ávidos por escândalos, furos e auto-promoção se reflete claramente na construção do enredo do livro *O Cálice de Fogo* e elementos relacionados a ele, neste caso, o personagem jornalista e a imprensa através do jornal *O Profeta Diário* e a revista impressa *Semanário das Bruxas*. Nota-se que a postura anti-ética de Rita Skeeter e sua tendência para um jornalismo de fofocas e sensacionalismos advém através do olhar crítico da autora ao vivenciar e observar todo o contexto sociocultural no qual ela e a imprensa britânica se inseriam durante o momento da escrita da obra que foi lançada no ano 2000.

Finalizadas as observações acerca da primeira matéria, segue-se para a segunda matéria analisada, intitulada “O Maior Erro de Dumbledore”, também publicada no jornal *O Profeta Diário*, aparece na íntegra no livro, nas páginas 289 e 290, disponível no anexo B, e aqui, em escala menor, para visualização rápida.

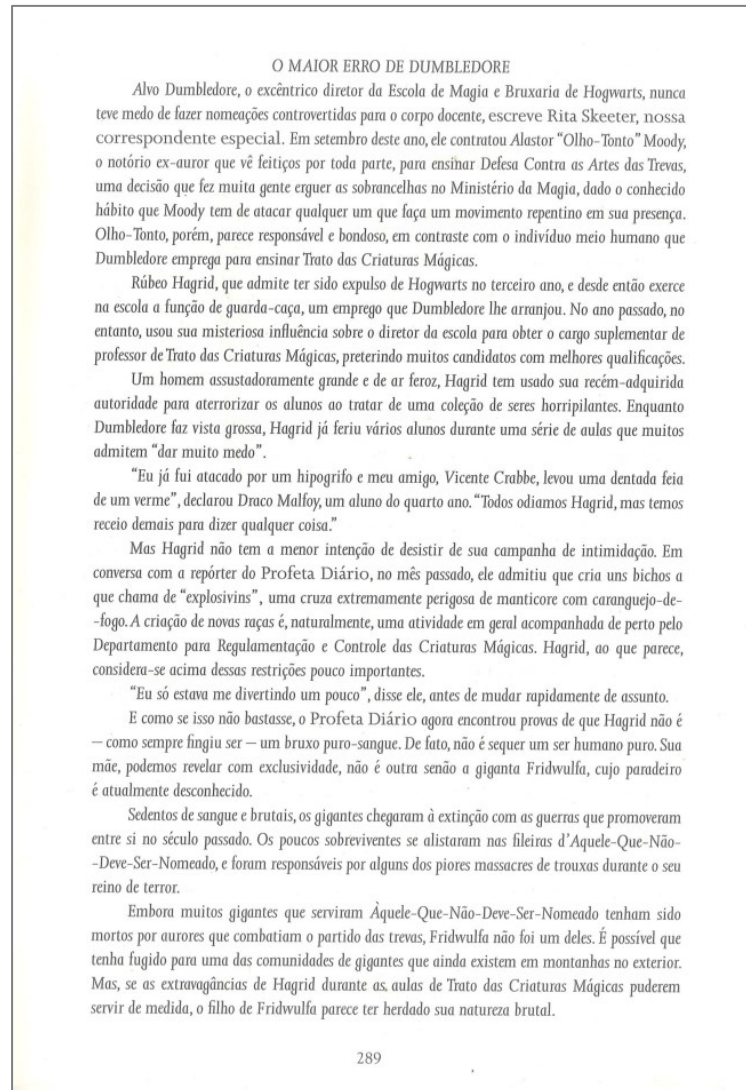


Figura 2. Matéria 2 extraída do capítulo 23 de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

Ela também realiza críticas dessa vez contra o diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Alvo Dumbledore. Porém, a maior vítima de ataques é Rúbeo Hagrid, o professor da disciplina de Trato com Criaturas Mágicas, que é retratado como um gigante abominável.

No quesito estrutura, nota-se logo no título, mais uma vez o juízo de valor na expressão “o maior erro”, o que demonstra um julgamento por parte da jornalista sobre Dumbledore. Essa falta leva a pensar que, aparentemente, a jornalista acredita que o diretor de Hogwarts tenha cometido outros erros antes, agora destacado como o “maior erro”, segundo acredita.

Novamente não há o uso da linha fina e o lide apresenta-se de forma incompleta. Dessa forma, a falta de elementos do lide clássico dificulta a classificação de Nilson Lage (2012). Todavia, é possível encontrar os elementos do lide o que, quem, quando, onde, porém

estão de forma desorganizada e não são o foco principal da matéria. Não responde as questões principais que serão abordadas na matéria.

Além disso, a falta de ética por meio de juízos de valor, continua a ser observada por meio de dizeres como: “excêntrico diretor”, “nomeações controvertidas”, “decisão que fez muita gente erguer as sobrancelhas”, “indivíduo meio humano”, “misteriosa influência”, “homem assustadoramente grande e de ar feroz”, “faz vista grossa”, “campanha de intimidação”, entre outros. Por se tratar de texto noticioso e não um artigo de opinião, o uso de juízo de valor não caberia em um texto jornalístico noticioso que segue os critérios deontológicos da profissão.

Embora o título cite Alvo Dumbledore, ao realizar a leitura do restante da matéria, é possível notar que o texto tem como enfoque Rúbeo Hagrid. Todo o texto é construído de modo a descredibilizar Hagrid e construir sua imagem negativa. Somente no restante da matéria, na organização dos demais parágrafos, é possível encontrar respostas que deveriam estar contidas no lide (o que, quem, quando e onde). Porém, mesmo assim, é difícil dizer que existe apenas um “o que”, por exemplo.

Com relação às fontes, ao contrário da matéria anteriormente analisada, o recurso de realização de entrevistas e das falas é utilizado, porém sem uma variação dos tipos de fontes e do número de falas para dar maior credibilidade à informação. A notícia apresenta apenas duas seleções de fontes em trechos curtos.

Uma delas, Draco Malfoy, é uma fonte duvidosa, pois, dentro da narrativa o personagem é rival de *Harry Potter* e faz de tudo para atingi-lo. Assim, sabendo da amizade entre *Potter* e o professor, declarar algo que atacasse o professor atingiria diretamente *Potter* e faria feliz o ego de Malfoy. Draco chega afirmar: “Todos odiamos Hagrid, mas temos receio demais para dizer qualquer coisa”. Neste caso, a postura de um jornalista ético seria buscar entrevistas com outros alunos e comprovar ou não a veracidade da afirmação de um dos alunos. Mas, a jornalista Rita Skeeter mostra a visão de apenas um aluno de uma turma e usa sua declaração apenas para reafirmar o que deseja destacar na matéria, ao invés de buscar visões diferentes e contrapô-las.

A segunda fonte é o próprio Hagrid, que tem também citada uma única fala, reforçando a imagem construída de Hagrid por Rita Skeeter na matéria. Entretanto, a falta da ética não está apenas neste fato. Há indícios na narrativa de que esta fala colhida tenha sido feita em um outro contexto. Na página 244 do livro, por exemplo, Rita Skeeter aparece de surpresa em uma das aulas na qual Hagrid é professor de Trato de Criaturas Mágicas. Em uma breve conversa, ela o convida para marcarem uma entrevista sobre uma das criaturas que

utiliza como experiência na aula, os “explosivins”. A jornalista ainda reforça o convite, ao dizer que o jornal possui uma coluna zoológica no jornal. Portanto, apresenta-se nesse trecho o indício da falta de postura ética por parte da jornalista, que enganou a fonte, descontextualizou as falas de sua entrevista e as usou para benefício próprio na construção de uma imagem negativa do entrevistado. Essa aparição surpresa em uma das aulas de Hagrid, que aparenta um modo de perseguição, e a insistência em realizar uma entrevista podem remeter a mais um exemplo da influência do contexto sociocultural vivido pela autora. Em seu testemunho realizado em 2011 no processo contra o jornal britânico, *The News of The World*, a autora contou sobre o dia no qual uma jornalista que estava desesperada para entrar em contato com ela colocou na mochila da sua filha de cinco anos uma nota [de dinheiro]. (REUTERS, 2011). Esse episódio demonstra a falta de ética e de valores para se conseguir informações para uma dada reportagem. Na ocasião, Rowling ainda desabafou sobre o incidente: "Uma criança, não importa quem são seus pais, merece privacidade." (REUTERS, 2011, s.p. tradução nossa)

Com relação ao aspecto da concisão, simplicidade e clareza, embora seja possível encontrar clareza e concisão no texto noticioso presente na narrativa, a objetividade e imparcialidade não podem ser notadas de forma mais explícita no texto, o que mostra mais uma vez, estruturalmente e no modo de fazer, um distanciamento do jornalismo real ideal.

Sobre o entrecruzamento das vozes narrativas, observa-se a presença do jornal (*O Profeta Diário*), através da jornalista Rita Skeeter; a dos personagens; além da do autor, que conduz toda a narrativa. As vozes da jornalista, Rita Skeeter, e do autor, através do narrador, serão melhor evidenciadas mais à frente, por meio dos juízos de valor que a correspondente utiliza em seus textos e dos exemplos dos comentários do narrador. Dessa maneira, será exemplificada de forma sucinta a voz dos personagens que são encontradas em frases como: “Como foi que ela descobriu isso?” e “Talvez ela use uma capa de invisibilidade”, que representam comentários sobre a notícia reportada ou sobre a postura da jornalista na condução da apuração para a feitura do texto.

Todos os pontos analisados até o momento poderão ser observados na matéria seguinte. Intitulada “A mágoa secreta de *Harry Potter*”, a terceira matéria foi publicada na revista *Semanário das Bruxas* e encontra-se nas páginas 336 e 337 da obra, disponível no anexo C, e no corpo do texto.

pelo avesso; Harry mal acabara de desprender a resposta de Sirius, a coruja levantou voo, visivelmente receosa de que fosse ser despachada outra vez.

A carta de Sirius era quase tão curta quanto a anterior.

Esteja nos degraus no fim da estrada que sai de Hogsmeade (depois da Dervixes & Bangues) às duas horas da tarde de sábado. Traga o máximo de comida que puder.

– Ele não voltou a Hogsmeade? – perguntou Rony, incrédulo.

– É o que parece, não é? – disse Hermione.

– Não dá para acreditar – disse Harry, tenso. – Se ele for apanhado...

– Mas até agora não foi, não é? – disse Rony. – E agora o lugar nem está mais infestado de dementadores.

Harry dobrou a carta, pensativo. Se fosse honesto consigo mesmo, admitiria que queria realmente rever Sirius. Seguiu, portanto, para a última aula da tarde – os dois tempos de Poções – sentindo-se muitíssimo mais animado do que era o seu normal quando descia as escadas para as masmorras.

Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados à porta da sala de aula com o grupinho de garotas da Sonserina que andava com Pansy Parkinson. Todas estavam olhando alguma coisa que Harry não pôde ver e davam risadinhas animadas. A cara de buldogue de Pansy espiava excitada por trás das largas costas de Goyle quando Harry, Rony e Hermione se aproximaram.

– Eles vêm vindo aí, eles vêm vindo aí! – disse ela entre risadinhas, e o ajuntamento de alunos da Sonserina se desfez. Harry viu que Pansy tinha nas mãos uma revista – o *Semanário das Bruxas*. A foto animada na capa mostrava uma bruxa de cabelos crespos, com um sorriso cheio de dentes, que apontava com a varinha para um grande bolo de claras.

– Talvez você encontre aí uma coisa do seu interesse, Granger! – disse Pansy em voz alta e atirou a revista para Hermione, que a aparou, fazendo cara de espanto. Naquele momento, a porta da masmorra se abriu e Snape fez sinal para todos entrarem.

Hermione, Harry e Rony se dirigiram a uma mesa no fundo da sala como de costume. Quando Snape deu as costas à turma para escrever no quadro-negro os ingredientes da poção do dia, Hermione folheou rapidamente a revista, por baixo da mesa. Finalmente, nas páginas centrais, ela encontrou o que estava procurando. Harry e Rony se aproximaram. Uma foto colorida de Harry encimava uma pequena notícia intitulada “A MÁGOA SECRETA DE HARRY POTTER”:

Um garoto excepcional, talvez – mas um garoto que sofre todas as dores comuns da adolescência, escreve Rita Skeeter. Privado do amor desde o trágico falecimento dos pais, Harry Potter, catorze anos, pensou que tinha achado consolo com sua namorada firme em Hogwarts, a garota

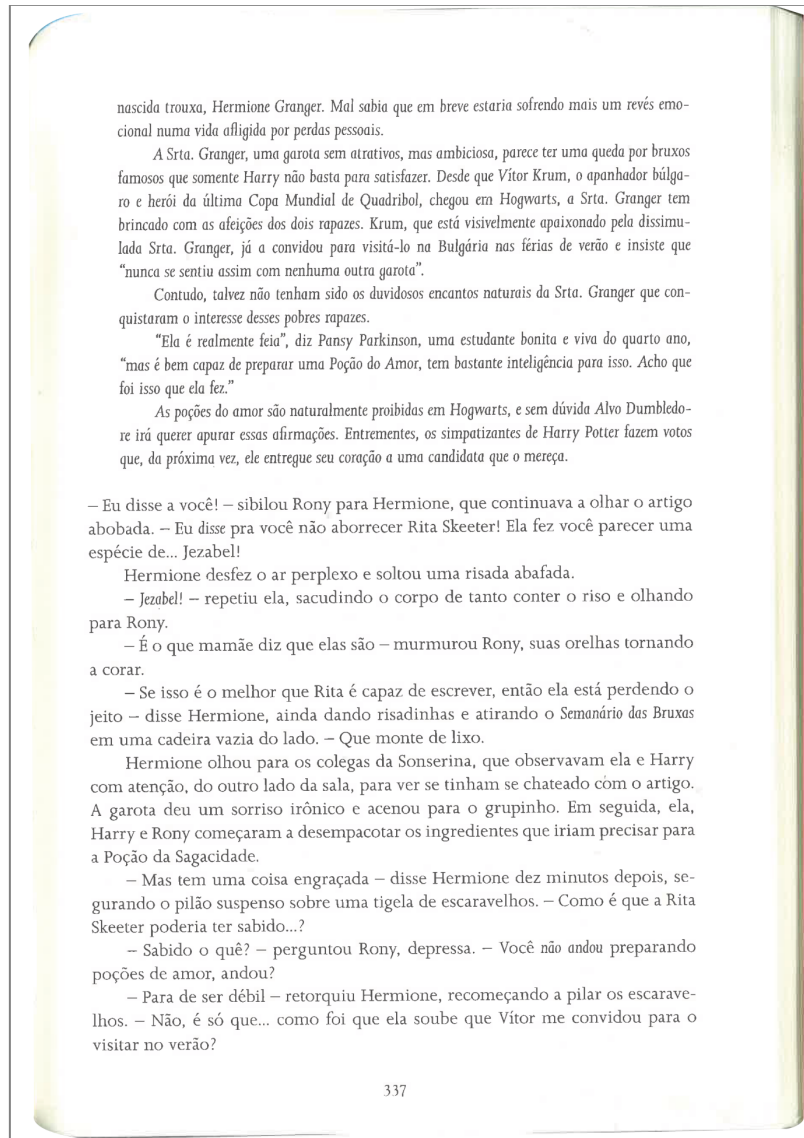


Figura 3. Matéria 3 extraída do capítulo 27 de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

Ela aborda o suposto namoro entre Harry Potter e Hermione Granger e como ela supostamente vem enganando Potter por também flertar com Vítor Krum, bruxo de uma escola convidada para o Torneio Tribruxo.

No quesito estrutura da notícia, nota-se que, logo no título, já está presente um tom sensacionalista, que atíça a curiosidade do leitor, pelo uso da expressão “mágoa secreta”, o que demonstra também indícios de que a notícia virá com fofocas.

A matéria é composta pelo lide, mas não possui linha fina, com o sublide. O lide está incompleto, quando comparado ao formato do jornalismo tradicional, uma vez que não responde todas as perguntas básicas: “quem”, “o que”, “quando”, “onde” e “por que?”. Ao ler o lide, o leitor tem a impressão de que o enfoque será em Harry Potter. No entanto, a

matéria se debruça na personagem Hermione Granger e constrói uma imagem distorcida dela, que coloca Harry Potter como vítima da garota.

O texto noticioso já toma como base uma mentira, a de que Harry e Hermione são namorados, uma vez que durante toda a narrativa da obra fica claro que eles são melhores amigos e que não existe nenhum sentimento além da amizade. Este namoro que a jornalista Rita Skeeter afirma existir embasa todo o texto por ela construído, ou seja, ela começa a sustentar o texto com uma mentira. Esses elementos são influências do contexto do mau jornalismo realizado na grande mídia que espetaculariza qualquer tipo de informação apenas para vender, sem se importar com a veracidade das informações, o que se assemelha à imagem das revistas de fofocas que não possuem credibilidade.

A falta de ética por parte da jornalista continua a ser observada por meio de juízos de valor, como: “um garoto excepcional, talvez”, “garota sem atrativos”, “ambiciosa”, “dissimulada”, “duvidosos encantos naturais”, “pobres rapazes” e “candidata que o mereça”. Esses termos reforçam a falta de postura ética da jornalista, uma vez que ela expressa sua opinião por essas palavras diversas vezes no texto. Vale lembrar que o uso dos adjetivos não é próprio do texto jornalístico, uma vez que segundo a estrutura esses termos só devem ser utilizados em artigo de opinião ou outros gêneros não informativos. Ou seja, a linguagem e termos utilizados pela correspondente na matéria não se encaixam no modelo por ela apresentado. Rita Skeeter parece não se importar com tais adequações, visto que mantém esta mesma postura desde o primeiro texto analisado, reforçando ainda mais sua falta de postura ética e mau-caráter.

No quesito fonte, nota-se novamente o descaso com a apuração dos fatos, visto que existe apenas uma fonte e uma fala do entrevistado selecionada por ela. Mais uma vez, o modelo de construção anti-ético do texto de Rita Skeeter é visto. As declarações coletadas com a fonte e, posteriormente, selecionadas para a publicação, apenas reforçam o que a jornalista diz em seu no texto. Além disso, deve-se considerar que a influência da imagem externa da mídia é mostrada pelo ponto de vista da autora J. K. Rowling na narrativa, em uma crítica a um mau jornalismo que é realizado pela mídia sensacionalista, que faz uso de uma política editorial não muito preocupada com os valores do campo da profissão.

Sobre o entrecruzamento das vozes presentes na narrativa, observa-se a voz do jornal (O Profeta Diário), através da matéria assinada pela jornalista Rita Skeeter que por sua vez tem a opinião da personagem, principalmente salientada nos textos em que produz, especialmente através dos juízos de valor por ela ditos. A voz dos personagens na trama é encontrada através de diálogos e pensamentos. Como exemplo, é possível citar o dizer de

Rony Weasley para Hermione, logo após lerem a matéria “A Mágoa Secreta De *Harry Potter*”, no qual ele comenta: “Eu disse pra você não aborrecer Rita Skeeter! Ela fez você parecer uma espécie de...Jezabel!”.

De forma complementar a todas as outras vozes citadas, o narrador se faz presente ao conduzir toda a narrativa e salientar ações e situações dos personagens na obra. Neste sentido, no contexto do exemplo anterior, pode-se ver melhor a presença e como funciona a forma de atuação do narrador por meio de um exemplo, como na frase: “Hermione desfez o ar perplexo e soltou uma risada abafada”.

A apresentação da mídia de maneira negativa (sensacionalista, tendenciosa e repleta de juízos de valor) tem relação com a vivência da autora, como já dito anteriormente. Contudo, destaca-se agora o ar perplexo e de indignação dos personagens difamados, uma vez que estes sentimentos também foram observados nos depoimentos de Rowling no tribunal, no caso já citado anteriormente. Na época, a autora afirmou ser favorável a regulamentos mais rígidos sobre o abuso da imprensa, mas, completou dizendo o quanto apoiava a liberdade de expressão da imprensa. (REUTERS, 2011).

Durante a cena na qual o texto é apresentado, desta vez os personagens fazem uma leitura silenciosa do mesmo, o que demonstra diferentes formas de leitura e interpretação da obra. Dessa forma, diferentemente do primeiro texto analisado anteriormente, a matéria aparece escrita na página do livro de maneira corrida e sem nenhuma intervenção da fala de personagens que quebre o visual contínuo da matéria.

Continuando a tratar sobre o aspecto visual do texto, é importante salientar que, embora esteja na descrição feita pelo narrador, a presença de fotos que ilustram o texto não é mostrada em nenhuma das matérias na materialidade do texto. O livro não traz uma representação visual de um jornal marcado por um planejamento gráfico, sendo que o gênero da notícia é representado apenas no texto corrido no meio da narrativa.

Assim, ao observar apenas esteticamente, o leitor poderia não reconhecer em sua totalidade a imagem real de um texto jornalístico, no que diz respeito aos componentes complementares da estrutura do texto, como: fotografia, tipografia, organização das informações por colunas, uso de letreiros maiores em destaque as manchetes. Ao contrário, esteticamente as páginas do livro se assemelham mais à forma da ficção de um texto literário.

Nesse aspecto, é válido considerar também que, embora na trama as imagens sejam descritas como “fotos em movimento” - o que não seria possível de ser reproduzido na forma de um livro impresso, por ser uma referência à fantasia e ao universo mágico da ficcionalidade -, a representação gráfica das imagens, mesmo que de forma estática, auxiliaria

o leitor em uma maior compreensão e identificação das características de um texto jornalístico na obra impressa.

A título de complemento, é de interesse saber que no filme da mesma obra, as imagens são muito mais salientadas que o texto, ressaltando a potencialidade do veículo audiovisual. Sobre esse aspecto, é preciso considerar que o elemento da intertextualidade está presente na obra transmidiática *Harry Potter*, seja no filme, site, *fanfictions* e produtos sobre esse universo, o que se apresenta para além da obra escrita no livro. Como referência de um texto dentro de outro texto, a intertextualidade é mostrada, no caso do livro através do jornal, uma referência impressa dentro de outra obra impressa. Já no filme é dado um destaque maior para as fotografias com movimento no jornal (em uma referência à magia), o que é melhor apropriado pela linguagem fílmica.

Por fim, intitulada “Harry Potter “Perturbado e Perigoso”, a quarta e última matéria foi publicada no jornal impresso *O Profeta Diário* e localiza-se na página 401 da narrativa, disponível no anexo D e aqui, em menor escala. Ela aborda a possível incapacidade de Harry Potter participar do Torneio Tribruxo e até mesmo frequentar a escola, por estar tendo supostas atitudes estranhas nos últimos dias.

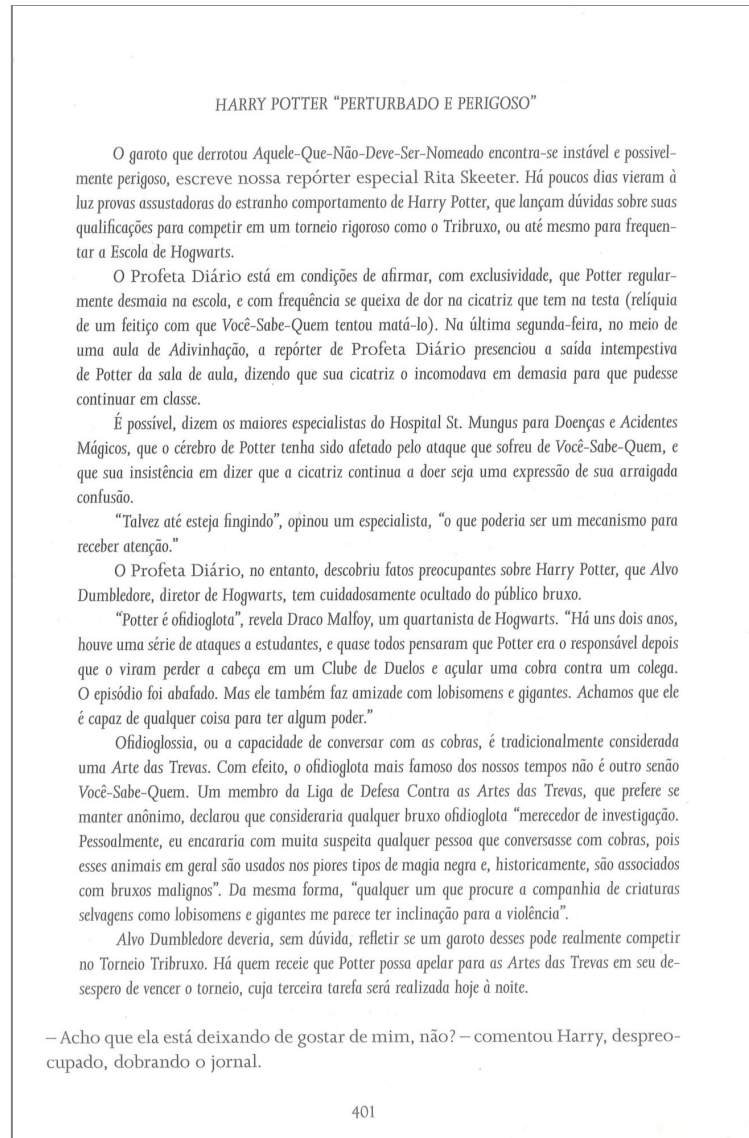


Figura 4. Matéria 4 extraída do capítulo 31 de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

No quesito estrutura da notícia, nota-se que, logo no título, já está presente um tom de alarde e sensacionalismo, através das palavras “perturbado” e “perigoso”, o que, além de demonstrar novamente juízo de valor, cria indícios de que a notícia virá com ataques a uma nova vítima, no caso, Harry Potter, que curiosamente em matéria anterior fora colocado na posição contrária: a de vítima. Outro aspecto interessante de se observar é a utilização de aspas, que até então não tinha sido utilizada nos títulos, o que leva o leitor a pensar **se essa aspas** seria uma ironia por parte da jornalista Rita Skeeter.

A matéria é composta pelo lide, mas não possui linha fina e nem sublide. Contrariando o esperado, segundo todas as observações das análises anteriores sobre o lide, a última notícia apresenta-o completo e responde todas as perguntas básicas: “quem?”, Harry Potter; “o que?”, dúvidas sobre suas qualificações para competir no torneio Tribuxo;

“quando?”, há poucos dias; “onde?”, Escola de Hogwarts e “por que?”, está com comportamento estranho, instável e possivelmente perigoso.

Ao ler o lide, o leitor nota que o enfoque será em Harry Potter e, ao concluir a leitura, ele percebe que os conteúdos do lide e do corpo do texto são os mesmos, conversam entre si, o que, como já foi salientado, não ocorria nas análises anteriores.

Embora no texto noticioso existam o uso de juízos de valor, as insinuações e as declarações duvidosas e até mesmo imprecisas, a jornalista Rita Skeeter muda sua estratégia de construção de texto. Se na terceira matéria, anteriormente analisada, ela baseava-se em uma fantasia/mentira construída pela jornalista, de que Harry e Hermione são namorados, no presente texto a jornalista se baseia em fatos reais e não fofocas. Embora seja possível encontrar a clareza, a concisão e a objetividade, que são elementos anteriormente não presentes no texto, eles agora são mostrados. Porém a imparcialidade se mantém distante do texto. Apesar de algumas aproximações com a forma de construção da notícia, ainda há um distanciamento dos princípios esperados no campo do jornalismo.

Todavia, os elementos da feitura de um jornalismo anti-ético se mantêm presentes apesar da veracidade de alguns fatos, pois o exagero e a descontextualização de certas falas e fatos, por exemplo, deixam claro a construção de um mau jornalismo por parte da jornalista Rita Skeeter.

A falta de ética por parte da correspondente novamente pode ser observada por meio de juízos de valor, como: “saída intempestiva”, “cuidadosamente ocultado”, “perder a cabeça”, “achamos que ele é capaz de qualquer coisa para ter algum poder” e “desespero de vencer o torneio”, termos que reforçam em toda a narrativa a falta de postura ética e de caráter da jornalista, uma vez que ela expressa sua opinião por tais palavras de forma repetida no texto.

Como já foi exposto neste capítulo de análise, o uso dos adjetivos não é próprio do texto jornalístico, uma vez que, seguindo a estrutura padrão do texto, esses termos só devem ser utilizados em artigo de opinião ou outros gêneros não informativos, ou seja, a linguagem e termos utilizados pela correspondente na matéria não se encaixam no modelo por ela apresentado.

No presente texto noticioso, apesar da utilização do número mais elevado de fontes (três no total), o que pode parecer interessante à primeira vista por trazer um maior número de visões e opiniões, nota-se que as fontes e o material coletado pela jornalista a partir da fala dos entrevistados mantêm o padrão mostrado anteriormente: falas curtas e selecionadas apenas para reforçar o que Rita Skeeter quer evidenciar em sua matéria.

Além disso, nesta matéria, duas fontes não são identificadas. Em uma delas, a correspondente do jornal *O Profeta Diário* esclarece que a mesma pediu para não se identificar. Embora tal atitude possa induzir alguém a pensar que Rita Skeeter, por um breve momento demonstrou alguma ética jornalística ao preservar a fonte, essa ideia se desfaz, ao notar que este ato apenas é feito para que a mesma consiga uma declaração da maneira que deseja, para reportar no texto.

Além disso, não existe, em nenhum momento da matéria, um espaço no qual a vítima de especulações, Harry Potter, tem uma fala exposta, esclarecendo ou se defendendo do que é dito no veículo de comunicação. Outra observação interessante além da falta de informações e o anonimato de uma das fontes é a imprecisão na identificação de outra fonte presente na notícia. Em um dado momento da matéria traz como elementos o trecho “[...]os maiores especialistas do Hospital St. Magnus para Doenças e Acidentes Mágicos[...]”, o que é uma prática comum na forma de relatar um fato e de trazer dados a partir de fontes especialistas. Porém, esses especialistas não são nomeados como no jornalismo é de praxe no jornalismo do cotidiano. Até mesmo após uma fala, uma declaração, nenhum deles é identificado com um nome; a frase é apenas a afirmação de um especialista. Neste sentido, a imprecisão da informação, como um especialista sem nome, gera grandes dúvidas em relação à credibilidade da matéria, uma vez que o leitor não pode buscar informações sobre o fato, confirmar a veracidade das informações e criar pensamentos críticos acerca do assunto.

Quanto aos entrecruzamentos das vozes presentes na narrativa, elas se mantêm as mesmas: do jornal (*O Profeta Diário*), através da matéria assinada pela jornalista Rita Skeeter, a voz dos personagens e a do narrador, através de exemplos já mencionados na análise.

O conceito destaque que encerra a análise é o de contexto sociocultural. Embora, o fato a seguir não esteja presente nas matérias analisadas, é relevante conceder explicações e conexões com o objeto analisado e sua fundamentação teórica. A escritora J.K. Rowling possui repúdio ao jornalismo anti-ético, como já dito anteriormente.

Sobre a questão, ainda no que diz respeito à influência do contexto, no caso reportado mais acima sobre o jornal britânico, grampos telefônicos ilegais realizados pelo veículo foram apropriados pela autora como referência para a construção da imprensa na obra de *Harry Potter*. Um exemplo é que, na trama ficcional, um dos grandes mistérios da narrativa é como a jornalista Rita Skeeter consegue informações para publicar suas matérias, uma vez que está proibida de circular pela escola de magia e bruxaria de Hogwarts e publica com detalhes acontecimentos que ela afirma ter estado presente, mas, que ninguém a viu no local.

Em um dado momento da narrativa, em uma conversa entre os amigos Harry Potter, Hermione Granger e Rony Weasley, a ideia de Rita Skeeter usar uma espécie de escuta, grampo para obter tais informações, surge no assunto. Todavia, essa hipótese é descartada, quando os jovens se lembram de que objetos do mundo dos trouxas – assim chamados todos aqueles não-bruxos -, não funcionam no mundo mágico de Hogwarts. Contudo, essa ideia de grampo é melhor refletida pela personagem Hermione Granger, que desvenda o mistério e segredo da jornalista e acaba revelando aos dois amigos na página 474 da obra, o que descobrira: Rita Skeeter é um animago, ou seja, um bruxo capaz de se transformar em algum animal. Entretanto, para poder ser um animago, é necessária autorização, e ela não tem, o que a torna um animago ilegal. Observando sua postura como jornalista, o que demonstra uma postura não correta. A correspondente do jornal *O Profeta Diário* e da revista *o Semanário das Bruxas* tem a falta de ética e hipocrisia do perfil da personagem como parte intrínseca ao seu eu, uma vez que sua postura duvidosa não se aplica apenas ao âmbito profissional, mas, nas suas escolhas pessoais.

O grampo ou a escuta ilegal, ganham uma versão “mágica” na narrativa da autora, criando mais uma vez a conexão entre ficção e realidade, e revela também, com maior profundidade, não apenas a fragilidade na postura profissional do jornalista, mas, também, facetas profundas do ser humano que se refletem no seu profissional.

5.1 Observação de resultados

Os lides nas três primeiras matérias se mantêm confusos e incompletos segundo a classificação do lide clássico proposto por Lage (2006). Todos eles citam personagens que não são o destaque do restante do texto. Dessa forma, os lides presentes nos três primeiros textos noticiosos não cumprem o seu papel básico de informar o leitor com clareza sobre o conteúdo do texto. Somente na quarta e última matéria o lide se apresenta de forma completa, sem alguma confusão e cumprindo seu papel no jornalismo. Sendo assim, dos quatro textos presentes na íntegra é o que mais se aproxima da função e estrutura do lide jornalístico proposto por Lage (2006).

Exceto pela primeira matéria, que não há entrevistados ou fontes, as demais apresentam declarações de entrevistados, embora, em duas das matérias as fontes sejam duvidosas e tendenciosas. Inclusive, uma delas não é identificada com um nome e sim apenas

com a nomenclatura de: “um especialista”. Além disso, o teor das declarações é curto nas três matérias e vai ao encontro da construção do texto feito pela jornalista Rita Skeeter.

Quanto ao juízo de valor, as palavras sensacionalistas e que atijam curiosidade estão presentes em todas as quatro matérias analisadas desde o título. Porém, além do título, o juízo de valor também é encontrado no corpo do texto das quatro matérias por diversas vezes.

Sobre a ética jornalística, nota-se, por meio dos elementos acima já observados, que ela é nula em todos os quatro textos. Além dos elementos já ditos, Rita Skeeter, a jornalista responsável pela produção das matérias, tem uma postura duvidosa ao realizar entrevistas em locais e momentos inapropriados. Há também o fator agravante das escutas ilegais através de sua transformação em um besouro, para a obtenção de informações e a distorção e descontextualização dos fatos em seus textos. Portanto, sua postura é totalmente anti-ética.

Outros elementos presentes na narrativa contribuem para a compreensão e construção do jornalismo na trama, através dos textos elaborados por Rita Skeeter. A narrativa permite compreender os impactos que as publicações têm nos personagens e qual seu poder de alcance.

A imprensa destacada na trama é a tradicional e impressa, representada no jornal *O Profeta Diário* e a revista *Semanário das Bruxas*. Através das falas dos personagens e apontamentos do narrador, é possível notar como estes veículos contribuem para a construção da narrativa. Não é raro na trama saber que algum dos personagens faz a leitura do jornal ou da revista. Além disso, por diversas vezes, o conteúdo dos mesmos gera discussões entre os personagens e, até mesmo, a mudança de postura em relação a aqueles que são citados de forma negativa nas matérias escritas por Rita Skeeter.

O contexto sociocultural da autora J.K Rowling esteve presente em diversos elementos da trama, inclusive na imprensa por ela apresentada em seu enredo. Ele é responsável pela elaboração de uma imprensa e de profissionais da imprensa anti-éticos. Suas experiências com paparazzi e repórteres desesperados contribuíram com relevância a criação da verossimilhança de uma visão real e possível da mídia sensacionalista e de seus profissionais.

A imprensa apresentada em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* demonstra uma postura anti-ética, tendenciosa, sensacionalista e de fofoca. Dessa forma, a obra é uma crítica ao jornalismo real. O mau jornalismo está em todo o processo de produção realizado pela jornalista Rita Skeeter, que por sua vez, é a responsável por todas as más decisões. A escolha do assunto pautado, a coleta de informações, o respeito com as fontes, a apuração da veracidade das informações e, por fim, a redação são todos cercados pela postura duvidosa de Rita Skeeter. A correspondente escreve desejando a repercussão do fato pelo público não

tendo coerência, como, por exemplo, em uma matéria em que ela até coloca um personagem como vítima e em outra o mesmo personagem como uma pessoa má, o que demonstra a falta de credibilidade e de coerência do veículo.

Além disso, o jornal vive de assinaturas e, aparentemente, os conteúdos produzidos por sua correspondente estão conseguindo manter as assinaturas, como é demonstrado na história ficcional. Por isso, é possível que não se veja durante a trama um posicionamento do jornal como uma empresa, reprovando a postura de Rita Skeeter, o que, mais uma vez, se aproxima da realidade do mercado vivido pela imprensa atual, quando o retorno financeiro costuma ser prioridade e, por isso, deixa de lado valores preciosos do jornalismo ético e da deontologia do campo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa debruçou-se na busca e compreensão das aproximações e distanciamentos entre o jornalismo presente na ficção e o da realidade, tendo como objeto de análise as quatro matérias presentes no jornal ficcional *O Profeta Diário* e na revista impressa *O Semanário das Bruxas*, ambos, inseridos na obra *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, da autora britânica J. K. Rowling.

Dessa maneira, buscou-se compreender, a partir dos distanciamentos e aproximações, como a imprensa e seus profissionais são vistos, como são retratados e de que maneira esses pontos são importantes para a reflexão da prática jornalística em um mundo não ficcional.

Tendo como base metodológica a Análise Dialógica proposta por Mikhail Bakhtin, unida da aplicação das teorias de autores como Nilson Lage e Eugênio Bucci, que auxiliaram na compreensão de quesitos mais específicos do jornalismo, as quatro matérias analisadas permitem constatar que o jornalismo e seus profissionais são vistos e apresentados de maneira negativa na trama ficcional *Harry Potter*.

Esta não é a única produção que apresenta a imprensa e seus profissionais em seu enredo. Em Super Homem (do inglês, *Superman*), personagem ficcional que tem como profissão ser jornalista quando não se apresenta como um herói e salva o mundo, quando mostrado no cotidiano, ele é apenas Clark Kent, um jornalista. Embora a profissão não seja desvalorizada, a grandeza do personagem não está associada a sua profissão de jornalista e sim em sua magnitude como herói. Ainda em tramas ficcionais de heróis, outros exemplos, como a história do Homem-Aranha (do inglês, *Spiderman*), narram a vida de um jovem universitário, que após ser picado por uma aranha geneticamente modificada, ganha superpoderes. Nesta trama, o personagem também trabalha como *freelancer* em um jornal, realizando fotos e é tratado pessimamente por diversas vezes pelo dono do veículo. As cenas dentro do veículo são sempre conturbadas, mostrando uma imagem, por vezes, negativa da imprensa.

Por ser recorrente a descrição dos veículos de comunicação e seus profissionais de maneira negativa ou irrelevante, é válido salientar a importância de compreensão da visão trazida pela ficção, para a reflexão e melhora do jornalismo real. Porém, a análise permitiu concluir um grande distanciamento estrutural entre o jornalismo realizado na ficção e a prática e ferramentas utilizadas no jornalismo tradicional da vida real. Contudo, este quesito não

influenciou de maneira aprofundada a narrativa. A maior aproximação, e mais verossímil, se deu através da postura da jornalista Rita Skeeter e seu fazer jornalístico, tal como é retratado em diversas outras produções a respeito do jornalismo.

Nesse quesito, cabe indagar para além do profissional e suas práticas. É possível questionar também a postura do público consumidor que aceita e gosta de consumir os conteúdos publicados pela jornalista. Será mesmo que todas as críticas devem recair sobre os veículos de comunicação e seus profissionais?

A presente pesquisa demonstrou que embora a imprensa e seus profissionais não estejam isentos da culpa pela falta de ética, o seu público leitor também é posto à prova, pois só se produz e se vende aquilo que gera interesse e aceitação por parte do público consumidor. Desta forma, nota-se que é fácil vilanizar ou canalizar a culpa para apenas um foco. Todavia, analisar a imprensa é algo complexo, como um caleidoscópio que se altera, dependendo da posição em que o observa.

Constatou-se, portanto, que o jornalismo apresentado na ficção se aproxima do jornalismo real principalmente na postura dos profissionais da grande mídia sensacionalista, que, na era da informação rápida e abundante, estão a procura do furo, dos cliques e da fama. Estruturalmente, o jornalismo ficcional, embora tenha referências do jornalismo tradicional do mundo da não ficção, está mais distante do real.

É válido salientar que a ética, o bom-senso e o respeito devem estar tanto do lado de quem produz, quanto de quem consome as notícias. A presente obra analisada permitiu compreender verdades humanas profundas que perpassam o ser humano e se refletem no mercado jornalístico. Dessa maneira, foi possível enxergar os dois extremos da prática jornalística, de quem produz e quem o consome, e o quanto estas se relacionam entre si e dividem os erros e acertos, mesmo que apenas a mídia seja responsabilizada.

REFERÊNCIAS

- ADORO CINEMA. **Bilheterias Brasil: Animais Fantásticos - Os Crimes de Grindelwald supera a estreia de todos os filmes de Harry Potter.** 2018. Disponível em: www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-144815/. Acesso em: 22 nov. 2018.
- ARAÚJO, M. C. **A Poética de Aristóteles sob a abordagem de Lígia Militz da Costa.** *Kaliópe*, São Paulo, ano 7, n. 14, p. 70-82, jul./dez., 2011. Disponível em : www.revistas.pucsp.br/index.php/kaliópe/article/view/7887/5779. Acesso em 03 nov. 2018.
- BARTHES, Roland. **Análise Estrutural Da Narrativa.** Seleção de Ensaios da Revista “Communications”. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces.** São Paulo: Editora Pensamento, 1997. Disponível em: docs.google.com/file/d/0B5rkbx3Dr7o2WmMweGtLOEZTbFU. Acesso em: 26/05/2018.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** (2003, p.29). eBooksBrasil. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo.** Redação, captação e Edição no Jornal Diário. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- ESTADÃO. **Manual de redação.** 2018. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais>. Acesso em: 27 dez. 2018.
- FILHO, U. C.; TORGA, V. L. M. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito:** compreendendo os gêneros na concepção dialógica, sócio histórica e ideológica da língua(gem). Periódicos UFES: I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória-ES, 18 a 21 de Outubro de 2011.
- GENETTE, Gérard. **Análise Estrutural Da Narrativa.** Seleção de Ensaios da Revista “Communications”. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2005.
- _____. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

MARCUZZO, Patrícia. **Diálogo Inconcluso**: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. Cadernos do IL, Porto Alegre, nº 3X, jun/2008

NOGUEIRA, Joseph. **Manuais de Cinema I - Laboratório de Guionismo**. Corvillã: Editora LabCom, 2010. Disponível em: <www.livroslabcom.ubi.pt>. Acesso em: 15/06/2018.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a Edição Jornalística**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

PONSONI, S. **Análise discursiva da literatura como dispositivo enunciativo**: o caso de Cadeiras proibidas, p. 145, 25/02/2015. Dissertação (Mestrado em linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística-PPGL. UFSCar: São Carlos, SP, 2011.

POTTERMORE. **500 million Harry Potter books have now been sold worldwide**. 2018. Disponível em: pottermore.com/news/500-million-harry-potter-books-have-now-been-sold-worldwide . Acesso em: 17 de junho de 2018

REUTERS. J.K. Rowling: **I Had to Move Because of Paparazzi**. 2011. Disponível em: www.reuters.com/article/idus68301603620111125. Acesso em: 03 nov. 2018.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. **O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana**. Revista Diálogos. Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, 2017.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD**. Domínios de Lingu@Gem, v. 10, p. 1076-1094, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006> .Acesso em: 27 set. 2018

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto: Biblioteca Online Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> . Acesso em: 15 jun. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

VOIGT, A. C.; ROLLA, C. E. O.; SOERENSEN, C. O conceito de mimesis segundo Platão e Aristóteles: breve considerações. **Travessias**, Paraná, v. 9, n. 2, 2015, p. 225-235.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1999. Disponível em: http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf . Acesso em: 03 nov. 2018.

ANEXOS

ANEXO A – Matéria 1: “Novos Erros No Ministério Da Magia”

– Palmas para a Profª Vector – retrucou Rony, mal-humorado.

Os três chegaram ao saguão de entrada, que estava lotado de gente fazendo fila para o jantar. Tinham acabado de entrar no fim da fila, quando uma voz alta soou às costas deles.

– Weasley! Ei, Weasley!

Harry, Rony e Hermione se viraram. Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados ali, cada qual parecendo mais satisfeito.

– Que é? – perguntou Rony rispidamente.

– Seu pai está no jornal, Weasley! – disse Malfoy brandindo um exemplar do Profeta Diário, e isso bem alto para que todas as pessoas aglomeradas no saguão pudessem ouvir. – Escuta só isso!

NOVOS ERROS NO MINISTÉRIO DA MAGIA

Pelo visto, os problemas no Ministério da Magia ainda não chegaram ao fim, informa nossa correspondente especial Rita Skeeter. Recentemente censurado por sua incapacidade de controlar multidões durante a Copa Mundial de Quadribol, e ainda devendo à opinião pública uma explicação para o desaparecimento de uma de suas bruxas, ontem o Ministério enfrentou novo constrangimento com as extravagâncias de Arnold Weasley, da Seção de Controle do Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas.

Malfoy ergueu os olhos.

– Imagina, nem escreveram direito o nome dele, Weasley, é quase como se ele não existisse, não é?

Todos no saguão agora prestavam atenção. Malfoy esticou o jornal com um gesto largo e continuou a ler:

Arnold Weasley, acusado de possuir um carro voador há dois anos, envolveu-se ontem numa briga com guardiões trouxas da lei (policiais) por causa de latas de lixo extremamente agressivas. O Sr. Weasley parece ter ido socorrer “Olho-Tonto” Moody, um ex-auror idoso, que se aposentou do Ministério ao se tornar incapaz de distinguir um aperto de mão de uma tentativa de homicídio. Ao chegar à casa do ex-auror, fortemente guardada, o funcionário verificou, sem surpresa, que, mais uma vez, o Sr. Moody dera um alarme falso. Em consequência, o Sr. Weasley foi obrigado a alterar muitas memórias para poder escapar dos policiais, mas se recusou a responder às perguntas do Profeta Diário sobre as razões que o levaram a envolver o Ministério nesse episódio pouco digno e potencialmente embaraçoso.

– E tem uma foto, Weasley! – acrescentou Malfoy, virando o jornal e mostrando-a. – Uma foto de seus pais à porta de casa, se é que se pode chamar isso de casa! Sua mãe bem que podia perder uns quilinhos, não acha?

Rony tremia de fúria. Todos o encaravam.

ANEXO B - Matéria 2: “O Maior Erro de Dumbledore”

O MAIOR ERRO DE DUMBLEDORE

Alvo Dumbledore, o excêntrico diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, nunca teve medo de fazer nomeações controversas para o corpo docente, escreve Rita Skeeter, nossa correspondente especial. Em setembro deste ano, ele contratou Alastor “Olho-Tonto” Moody, o notório ex-auror que vê feitiços por toda parte, para ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas, uma decisão que fez muita gente erguer as sobrancelhas no Ministério da Magia, dado o conhecido hábito que Moody tem de atacar qualquer um que faça um movimento repentino em sua presença. Olho-Tonto, porém, parece responsável e bondoso, em contraste com o indivíduo meio humano que Dumbledore emprega para ensinar Trato das Criaturas Mágicas.

Rúbeo Hagrid, que admite ter sido expulso de Hogwarts no terceiro ano, e desde então exerce na escola a função de guarda-caça, um emprego que Dumbledore lhe arranhou. No ano passado, no entanto, usou sua misteriosa influência sobre o diretor da escola para obter o cargo suplementar de professor de Trato das Criaturas Mágicas, preterindo muitos candidatos com melhores qualificações.

Um homem assustadoramente grande e de ar feroz, Hagrid tem usado sua recém-adquirida autoridade para aterrorizar os alunos ao tratar de uma coleção de seres horripilantes. Enquanto Dumbledore faz vista grossa, Hagrid já feriu vários alunos durante uma série de aulas que muitos admitem “dar muito medo”.

“Eu já fui atacado por um hipogrifo e meu amigo, Vicente Crabbe, levou uma dentada feia de um verme”, declarou Draco Malfoy, um aluno do quarto ano. “Todos odiamos Hagrid, mas temos receio demais para dizer qualquer coisa.”

Mas Hagrid não tem a menor intenção de desistir de sua campanha de intimidação. Em conversa com a repórter do Profeta Diário, no mês passado, ele admitiu que cria uns bichos a que chama de “explosivins”, uma cruz extremamente perigosa de manticore com caranguejo-de-fogo. A criação de novas raças é, naturalmente, uma atividade em geral acompanhada de perto pelo Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas. Hagrid, ao que parece, considera-se acima dessas restrições pouco importantes.

“Eu só estava me divertindo um pouco”, disse ele, antes de mudar rapidamente de assunto.

E como se isso não bastasse, o Profeta Diário agora encontrou provas de que Hagrid não é — como sempre fingiu ser — um bruxo puro-sangue. De fato, não é sequer um ser humano puro. Sua mãe, podemos revelar com exclusividade, não é outra senão a gigante Fridwulfa, cujo paradeiro é atualmente desconhecido.

Sedentos de sangue e brutais, os gigantes chegaram à extinção com as guerras que promoveram entre si no século passado. Os poucos sobreviventes se alistaram nas fileiras d’Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado, e foram responsáveis por alguns dos piores massacres de trouxas durante o seu reino de terror.

Embora muitos gigantes que serviram Àquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado tenham sido mortos por aurores que combatiam o partido das trevas, Fridwulfa não foi um deles. É possível que tenha fugido para uma das comunidades de gigantes que ainda existem em montanhas no exterior. Mas, se as extravagâncias de Hagrid durante as aulas de Trato das Criaturas Mágicas puderem servir de medida, o filho de Fridwulfa parece ter herdado sua natureza brutal.

ANEXO C - Matéria 3: “A mágoa secreta de Harry Potter”

pelo avesso; Harry mal acabara de desprender a resposta de Sirius, a coruja levantou voo, visivelmente receosa de que fosse ser despachada outra vez.

A carta de Sirius era quase tão curta quanto a anterior.

Esteja nos degraus no fim da estrada que sai de Hogsmeade (depois da Dervixes & Bangues) às duas horas da tarde de sábado. Traga o máximo de comida que puder.

– Ele não voltou a Hogsmeade? – perguntou Rony, incrédulo.

– É o que parece, não é? – disse Hermione.

– Não dá para acreditar – disse Harry, tenso. – Se ele for apanhado...

– Mas até agora não foi, não é? – disse Rony. – E agora o lugar nem está mais infestado de dementadores.

Harry dobrou a carta, pensativo. Se fosse honesto consigo mesmo, admitiria que queria realmente rever Sirius. Seguiu, portanto, para a última aula da tarde – os dois tempos de Poções – sentindo-se muitíssimo mais animado do que era o seu normal quando descia as escadas para as masmorras.

Malfoy, Crabbe e Goyle estavam parados à porta da sala de aula com o grupinho de garotas da Sonserina que andava com Pansy Parkinson. Todas estavam olhando alguma coisa que Harry não pôde ver e davam risadinhas animadas. A cara de buldogue de Pansy espiava excitada por trás das largas costas de Goyle quando Harry, Rony e Hermione se aproximaram.

– Eles vêm vindo aí, eles vêm vindo aí! – disse ela entre risadinhas, e o ajuntamento de alunos da Sonserina se desfez. Harry viu que Pansy tinha nas mãos uma revista – o *Semanário das Bruxas*. A foto animada na capa mostrava uma bruxa de cabelos crespos, com um sorriso cheio de dentes, que apontava com a varinha para um grande bolo de claras.

– Talvez você encontre aí uma coisa do seu interesse, Granger! – disse Pansy em voz alta e atirou a revista para Hermione, que a aparou, fazendo cara de espanto. Naquele momento, a porta da masmorra se abriu e Snape fez sinal para todos entrarem.

Hermione, Harry e Rony se dirigiram a uma mesa no fundo da sala como de costume. Quando Snape deu as costas à turma para escrever no quadro-negro os ingredientes da poção do dia, Hermione folheou rapidamente a revista, por baixo da mesa. Finalmente, nas páginas centrais, ela encontrou o que estava procurando. Harry e Rony se aproximaram. Uma foto colorida de Harry encimava uma pequena notícia intitulada “A MÁGOA SECRETA DE HARRY POTTER”:

Um garoto excepcional, talvez – mas um garoto que sofre todas as dores comuns da adolescência, escreve Rita Skeeter. Privado do amor desde o trágico falecimento dos pais, Harry Potter, catorze anos, pensou que tinha achado consolo com sua namorada firme em Hogwarts, a garota

nascida trouxa, Hermione Granger. Mal sabia que em breve estaria sofrendo mais um revés emocional numa vida afligida por perdas pessoais.

A Srta. Granger, uma garota sem atrativos, mas ambiciosa, parece ter uma queda por bruxos famosos que somente Harry não basta para satisfazer. Desde que Vítor Krum, o apanhador búlgaro e herói da última Copa Mundial de Quadribol, chegou em Hogwarts, a Srta. Granger tem brincado com as afeições dos dois rapazes. Krum, que está visivelmente apaixonado pela dissimulada Srta. Granger, já a convidou para visitá-lo na Bulgária nas férias de verão e insiste que “nunca se sentiu assim com nenhuma outra garota”.

Contudo, talvez não tenham sido os duvidosos encantos naturais da Srta. Granger que conquistaram o interesse desses pobres rapazes.

“Ela é realmente feia”, diz Pansy Parkinson, uma estudante bonita e viva do quarto ano, “mas é bem capaz de preparar uma Poção do Amor, tem bastante inteligência para isso. Acho que foi isso que ela fez.”

As poções do amor são naturalmente proibidas em Hogwarts, e sem dúvida Alvo Dumbledore irá querer apurar essas afirmações. Entrementes, os simpatizantes de Harry Potter fazem votos que, da próxima vez, ele entregue seu coração a uma candidata que o mereça.

– Eu disse a você! – sibilou Rony para Hermione, que continuava a olhar o artigo abobada. – Eu disse pra você não aborrecer Rita Skeeter! Ela fez você parecer uma espécie de... Jezabel!

Hermione desfez o ar perplexo e soltou uma risada abafada.

– Jezabel! – repetiu ela, sacudindo o corpo de tanto conter o riso e olhando para Rony.

– É o que mamãe diz que elas são – murmurou Rony, suas orelhas tornando a corar.

– Se isso é o melhor que Rita é capaz de escrever, então ela está perdendo o jeito – disse Hermione, ainda dando risadinhas e atirando o *Semanário das Bruxas* em uma cadeira vazia do lado. – Que monte de lixo.

Hermione olhou para os colegas da Sonserina, que observavam ela e Harry com atenção, do outro lado da sala, para ver se tinham se chateado com o artigo. A garota deu um sorriso irônico e acenou para o grupinho. Em seguida, ela, Harry e Rony começaram a desempacotar os ingredientes que iriam precisar para a Poção da Sagacidade.

– Mas tem uma coisa engraçada – disse Hermione dez minutos depois, segurando o pilão suspenso sobre uma tigela de escaravelhos. – Como é que a Rita Skeeter poderia ter sabido...?

– Sabido o quê? – perguntou Rony, depressa. – Você não andou preparando poções de amor, andou?

– Para de ser débil – retorquiu Hermione, recomeçando a pilar os escaravelhos. – Não, é só que... como foi que ela soube que Vítor me convidou para o visitar no verão?

ANEXO D - Matéria 4: “Harry Potter “Perturbado e Perigoso”

HARRY POTTER “PERTURBADO E PERIGOSO”

O garoto que derrotou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado encontra-se instável e possivelmente perigoso, escreve nossa repórter especial Rita Skeeter. Há poucos dias vieram à luz provas assustadoras do estranho comportamento de Harry Potter, que lançam dúvidas sobre suas qualificações para competir em um torneio rigoroso como o Tribuxo, ou até mesmo para frequentar a Escola de Hogwarts.

O Profeta Diário está em condições de afirmar, com exclusividade, que Potter regularmente desmaia na escola, e com frequência se queixa de dor na cicatriz que tem na testa (reliquia de um feitiço com que Você-Sabe-Quem tentou matá-lo). Na última segunda-feira, no meio de uma aula de Adivinhação, a repórter de Profeta Diário presenciou a saída intempestiva de Potter da sala de aula, dizendo que sua cicatriz o incomodava em demasia para que pudesse continuar em classe.

É possível, dizem os maiores especialistas do Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos, que o cérebro de Potter tenha sido afetado pelo ataque que sofreu de Você-Sabe-Quem, e que sua insistência em dizer que a cicatriz continua a doer seja uma expressão de sua arraigada confusão.

“Talvez até esteja fingindo”, opinou um especialista, “o que poderia ser um mecanismo para receber atenção.”

O Profeta Diário, no entanto, descobriu fatos preocupantes sobre Harry Potter, que Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, tem cuidadosamente ocultado do público bruxo.

“Potter é ofidioglota”, revela Draco Malfoy, um quartanista de Hogwarts. “Há uns dois anos, houve uma série de ataques a estudantes, e quase todos pensaram que Potter era o responsável depois que o viram perder a cabeça em um Clube de Duelos e açular uma cobra contra um colega. O episódio foi abafado. Mas ele também faz amizade com lobisomens e gigantes. Achamos que ele é capaz de qualquer coisa para ter algum poder.”

Ofidioglossia, ou a capacidade de conversar com as cobras, é tradicionalmente considerada uma Arte das Trevas. Com efeito, o ofidioglota mais famoso dos nossos tempos não é outro senão Você-Sabe-Quem. Um membro da Liga de Defesa Contra as Artes das Trevas, que prefere se manter anônimo, declarou que consideraria qualquer bruxo ofidioglota “merecedor de investigação. Pessoalmente, eu encararia com muita suspeita qualquer pessoa que conversasse com cobras, pois esses animais em geral são usados nos piores tipos de magia negra e, historicamente, são associados com bruxos malignos”. Da mesma forma, “qualquer um que procure a companhia de criaturas selvagens como lobisomens e gigantes me parece ter inclinação para a violência”.

Alvo Dumbledore deveria, sem dúvida, refletir se um garoto desses pode realmente competir no Torneio Tribuxo. Há quem receie que Potter possa apelar para as Artes das Trevas em seu desespero de vencer o torneio, cuja terceira tarefa será realizada hoje à noite.

– Acho que ela está deixando de gostar de mim, não? – comentou Harry, despreocupado, dobrando o jornal.